

AS ANTIGAS TALHAS DA IGREJA DO COLÉGIO

arq. Eudes Campos

INTRODUÇÃO

Neste estudo abordaremos as antigas talhas da igreja do Pátio do Colégio paulistano.

Erguida em meados do século XVII, a terceira igreja jesuítica de São Paulo arruinou-se em março de 1896, em razão das fortes chuvas de fim de verão. Estivera fechada durante alguns anos e, dado o desinteresse do governo do estado de São Paulo, na época administrador da igreja seiscentista, veio abaixo por simples falta de manutenção.

Embora venerável, o edifício era considerado de aparência muito rude e por isso impossível de continuar existindo entre os modernos edifícios de estilo eclético recentemente construídos nas imediações. Suas ruínas foram arrasadas sem remorso e no lugar o governo mandou erigir construções oficiais em prolongamento ao palácio do governo, edificação contígua que a partir de 1881 tomou o lugar do convento jesuítico.

No interior da igreja arruinada, havia um retábulo na parte posterior do altar-mor e em cada uma das seis capelas laterais. Obras de talha então consideradas de pouco valor artístico. A título de recordação ou testemunho, foram recolhidas partes do retábulo principal, que estava intacto, e alguns fragmentos de talha de outros retábulos, semi-destruídos. O resto foi simplesmente descartado, ou, como já disseram, distribuído entre personagens de alta posição econômica e social.

Disparatadas, as peças de talha recolhidas foram instaladas num arranjo *artístico* na igreja do Sagrado Coração de Maria (1897-1899). Só retornaram para o Pátio do Colégio no final da década de 1970, quando, concluída a réplica do antigo templo desaparecido (1970-1979), reerguido como uma forma de homenagear o Quarto Centenário (1954) da cidade de São Paulo, passaram a ficar expostas na

capela-mor. Mas com a reforma dessa capela, ocorrida em 2009, os fragmentos acabaram removidos do interior do templo.

Nosso objetivo neste trabalho é identificar cada um dos retábulos existentes na véspera do desastre de 1896, correlacionando-os com as capelas laterais da antiga igreja, com as sucessivas invocações que tiveram, de acordo com as imagens sacras que abrigaram, e traçar considerações estilísticas a respeito desses antigos e relevantes exemplares de arte religiosa paulistana, hoje desaparecidos, a partir das fotografias tomadas logo após o desastre.

O CONVENTO E A IGREJA DOS JESUÍTAS DE SÃO PAULO

O primeiro convento dos jesuítas de São Paulo, como é sabido, foi erguido em 1553, em uma aldeia indígena situada nos campos de Piratininga a pedido de Tibiriçá (?-1562), líder dos tupiniquins que pretendiam ser evangelizados. Segundo o padre José de Anchieta S. J. (1534-1597), tratava-se de uma pequena construção de pau-a-pique, tapada com barro, e telhado de sapê, tendo, ao lado, uma humilde capelinha, de construção igualmente tosca (A IGREJA do Colégio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 14 de junho de 1952, p. 7).

O segundo convento foi erguido pouco depois, inaugurado em 1º de novembro de 1556. Conforme o padre Fernão Cardim S. J. (1540-1625), tratava-se de uma construção de taipa, com as paredes guarnecidas de tabatinga, cuja execução se deu sob a orientação do padre carpinteiro e construtor Afonso Brás (c.1524-1610). Constava de um edifício com oito cômodos no sobrado e oficinas no térreo e, ao lado, uma igreja alpendrada (ATAS, v.1, p. 415), provida de bons ornamentos e relíquias. Na horta, cheia de frutas, havia marmelos, figos, laranjeiras, rosas, cravinas etc., e no claustro, um poço de boa água (A IGREJA do Colégio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 14 de junho de 1952, p. 7).

Este pequeno convento durou até meados do século XVII (fig.1). Quando os jesuítas retornaram depois de expulsos pelos paulistas em 1640, encontraram o prédio do convento num abandono que durara 13 anos. Resolveram então reconstruí-lo.

O terceiro convento e igreja jesuítas foram erigidos no reitorado do padre Lourenço Cardoso S. J., o que ocorreu entre 1667 e 1671 (TAUNAY, 1953, p.30). O convento e



Fig.1- Reconstituição aproximada do segundo convento jesuítico, inaugurado em 1556, segundo documento iconográfico de época (planta da vila de São Paulo, de autoria de Alexandre Massai, datada por nós de 1616/1617). Desenho do Autor, 2017.

igreja foram reerguidos de taipa. No caso da igreja, à taipa foram misturadas pedras, como se percebe pelas fotografias tomadas logo após o seu arruinamento em 1896. Técnica essa já assinalada pelo arquiteto Lúcio Costa (1902-1998)(1978, p.21 e 23). Mas na torre, construída a partir de 1683, foi empregada, excepcionalmente, a alvenaria de pedra e cal, graças à generosidade de D. Leonor de Siqueira (?-1703), rica viúva do sertanista Luís Pedroso Barros (1608/10-1662), morto no Peru (TAUNAY, 1953, p.30).

A técnica construtiva da alvenaria de pedras era quase inexistente na vila e a igreja, além de sua torre, possuía elementos arquitetônicos de cantaria, obra subsidiada pela filha de D. Leonor, D. Ângela de Siqueira, casada, em segundas núpcias, com o capitão-mor Pedro Taques de Almeida (TAUNAY, 1953, p.30). A cantaria era considerada então a técnica construtiva por excelência, nobre, cara e extremamente durável, e que raros mestres e operários sabiam executar, sobretudo na pequenina e empobrecida vila de São Paulo.

Na fachada, a portada e os aros das três janelas eram de pedra de cantaria. No interior do edifício, o arco-cruzeiro e os batentes das portas também o eram, sendo os arcos das capelas laterais feitos de tijolos e cal. Sobre a entrada principal, localizava-se a estrutura de madeira do coro, sustentado por dois pés-direitos (pés-direitos esses substituídos na contrafação da igreja jesuítica na década de 1970 por duas imponentes colunas, por ter sido considerada a solução original de ínfima aparência) e iluminado pelas três janelas da fachada, e, na capela-mor, abriam-se quatro tribunas. A nave não tinha forro, ficando as telhas à vista. Apenas a capela-mor era forrada e assoalhada. O piso da nave e das capelas laterais era ladrilhado de tijolos. Mesmo assim, com todas essas restrições de acabamento, foi considerada sólida construção, algo digno de ser admirado na modesta vila piratiningana (EGREJA do Collegio e edificio annexo. *Correio Paulistano*. São Paulo, 17 de outubro de 1890, p.1).

No século XVIII, a igreja entrou em reforma, entre 1741 e 1745 (TAUNAY, 1953, p.31). Dessa época, devem provir o alteamento do telhado, visível na parte externa acima do frontão, a introdução de óculos quadrilobados no alto da parede longitudinal da nave do lado da Epístola (lado esquerdo do altar-mor), com o objetivo de melhorar a iluminação interna, os dois púlpitos de madeira lavrada com guarda-voz, e talvez, entre outros trabalhos, o acréscimo de um anexo desse mesmo lado, que funcionava como corredor passando por trás das capelas laterais, e cuja função era permitir que se alcançasse a sacristia situada atrás do altar-mor, sem ter que perturbar os fiéis durante as cerimônias religiosas. Desgracioso acréscimo esse, visível em fotos e desenhos do século XIX (**fig.2**). Aproveitou-se também a reabertura do templo para introduzir novo retábulo, instalado numa das capelas laterais para a futura entronização do padre José de Anchieta, cuja canonização era esperada para breve.



Fig. 2- Aspecto do Pátio do Colégio, por volta de 1862/1863. Notando-se o acréscimo lateral da igreja e os quatro óculos polilobulados executados durante a reforma de 1741-1745.

Fonte:< http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/Especiais/sp450/web/images/povoado_patioDoColegio.jpg>

Injustamente acusados de alta traição, os jesuítas foram expulsos das terras lusitanas e suas possessões em 3 de setembro de 1759, por ordem do 1º Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal (1699-1784), primeiro-ministro (1756-1777) de D. José I (1714-1777).

Durante certo tempo, os jesuítas de São Paulo ficaram confinados no convento, sendo remetidos a seguir para Lisboa, como se criminosos fossem, em janeiro de 1760. As casas e demais propriedades dos regulares da Companhia de Jesus no Brasil foram então confiscadas, passando a integrar os bens da Coroa Portuguesa. (TAUNAY, 1953, p.32). Ao se tornar o Brasil independente, as antigas casas e bens dos jesuítas situados no País foram incorporados aos próprios nacionais.

Quando o governador da novamente criada capitania de São Paulo (extinta em 1746), o 4º Morgado de Mateus (1722-1798), chegou à cidade para assumir o cargo para o qual fora designado, em 1765, não encontrou nenhuma moradia reservada às autoridades máximas da capitania. Tomou posse então do antigo convento jesuítico, transformando-o em residência oficial dos capitães-mores e governadores (TAUNAY, 1953, p.35).

Sob o Império, o antigo convento continuou servindo de palácio da presidência da província de São Paulo. O prédio, bastante desgastado e incômodo, teve a parte residencial integralmente reconstruída entre 1862 e 1864, sendo então erguida com tijolos a ala neoclássica, uma longa sequência de janelas em arco de plena cintra, voltada para a várzea do Tamanduateí (**fig. 3**) (CAMPOS, 1997, cap.7.2, p.838). Ala demolida em 1908, sete anos antes de os presidentes do estado de São Paulo se mudarem do velho edifício da área central para o palácio dos Campos Elísios, no bairro de mesmo nome, antiga mansão do falecido Elias Antônio Pacheco e Chaves (1842-1903) (TAUNAY, 1953, p.42).

Em 1881, o presidente Florêncio de Abreu (1839-1881) decidiu mandar reconstruir a ala frontal do velho convento, tendo sido designado para fazê-lo um engenheiro da Diretoria de Obras Públicas, o francês Eusébio Stevaux (1826-1904). A ala do século XVIII, que fazia ângulo reto com a parte frontal seiscentista, foi demolida para dar lugar a um jardim público. A fachada do palácio novo foi concebida conforme um ingênuo estilo eclético, uma mescla pouco agradável de reminiscências da arquitetura do Segundo Império francês com um elemento arquitetônico de sabor quase neoclássico: o pórtico com capitéis jônicos de tradição francesa, de tipo scamozziano, com o seu rígido frontão triangular. O pórtico foi agregado ao frontispício da construção (**figs. 4a e 4b**), por solicitação do presidente da Província da ocasião, José Luís de Almeida Couto (1833-1895), cujo mandato se deu entre 1884 e 1885, depois de a nova fachada haver sido considerada pouco convincente (CAMPOS, 1997, cap.7.3, p. 921).



Fig.3- Vista da cidade a partir da Várzea do Carmo (detalhe). Fotografia atribuída a Militão Augusto Azevedo (1837-1905), datada provavelmente de 1887.

Nesta foto, vê-se claramente a ala neoclássica do Palácio da Presidência, erguida entre 1862 e 1864 pelo empreiteiro Antônio Bernardo Quartim.

FONTE: TOLEDO, Benedito L. *Três cidades em um século*. São Paulo: Duas cidades, 1981.



Fig. 4a- Palácio da Presidência, c. 1884 ou 1885. Projeto de Eusébio Stevaux (1826-1904). Foto atribuída a Militão. Acervo do Museu Paulista.

Fonte: < <http://www.arquiamigos.org.br/info/info23/i-estudos-a.htm> >



Fig.4b- Palácio da Presidência, depois do acréscimo de um pórtico jônico e com jardim frontal. Foto de Kowalsky & Hensler, por volta de 1892. KOSSOY, Boris. *Album de photographias do Estado de São Paulo*. São Paulo: CBPO/Kosmos, 1984.

Fonte: < <http://www.arquiamigos.org.br/info/info23/i-estudos-a.htm> >

Em 1886, outro imóvel no Pátio do Colégio, então chamado Largo de Palácio, iria ser reconstruído. Anos antes, em 1882, Eusébio Stevaux iniciara a construção da sede da Tesouraria de Fazenda, órgão do governo central, mas uma vez interrompida a obra, e exonerado a pedido o engenheiro francês (CAMPOS, 2009), assumiu o controle da obra o engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo (1851-1928), que demoliu o que já estava feito para reiniciar o prédio com projeto de sua própria autoria (**fig. 5**) (CAMPOS, 1997, cap.7.3, p. 933).

Finalizada a construção em 1891, já na República, Ramos de Azevedo foi designado para erguer o prédio ao lado, a sede da Secretaria da Agricultura, um próprio estadual, o que ocorreu entre 1891 e 1896 (**fig.6**) (CAMPOS, 1997, cap.7.3, p. 934). Em concomitância, Ramos de Azevedo encarregou-se de levantar ainda a sede da polícia estadual, na atual Rua Roberto Simonsen, nas proximidades do fundo da igreja jesuítica. Erguido entre c. 1894 e 1896, esse sobrado veio reforçar a vocação do Largo de Palácio para se tornar o primeiro espaço cívico da cidade, rodeado de construções oficiais modernas, de estilo eclético classicizante (**fig.7**).

E em frente ao palácio do governo, de autoria de Stevaux, apenas separado pelo jardim público fronteiro, que na esquina da Rua General Carneiro exibia uma pequena fonte de cimento de gosto duvidoso, erguida, em 1886, pelo mestre cascadeiro Serafim Corso (CAMPOS, 1997, cap.7.3, p. 922), foi construído em 1887, um sobrado em estilo neorrenascentista com projeto do engenheiro alemão Mateus Haüssler, desde então ocupado pelo Correio Geral (**fig.8**) (CAMPOS, 1997, cap.7.3, p. 947).

No final do século XIX, a renovação arquitetônica da área desenrolava-se, portanto, bastante intensa. Sobrevivia, porém, um extenso conjunto de chalés, erguido entre o final dos anos de 1870 e início da década seguinte, de propriedade do então Visconde de São Joaquim (1834-1909), localizado entre a Rua 15 de Novembro, a Travessa do Colégio (hoje Rua Anchieta) e o Largo de Palácio, até quase a esquina do Largo da Sé. Mas, era uma certeza que, mais dia menos dia, esse conjunto de construções vulgares, erguido por mestres de obras portugueses, de presença tão inconveniente por se encontrar erguido nas proximidades de um centro cívico que se pretendia respeitável, daria lugar a outras construções, à altura daquele espaço público (**fig.9**) (CAMPOS, 1997, cap.7.3, figs.226a e 226b). Na visão das autoridades estaduais, para a conclusão do centro cívico só faltava, portanto, derrubar a antiga

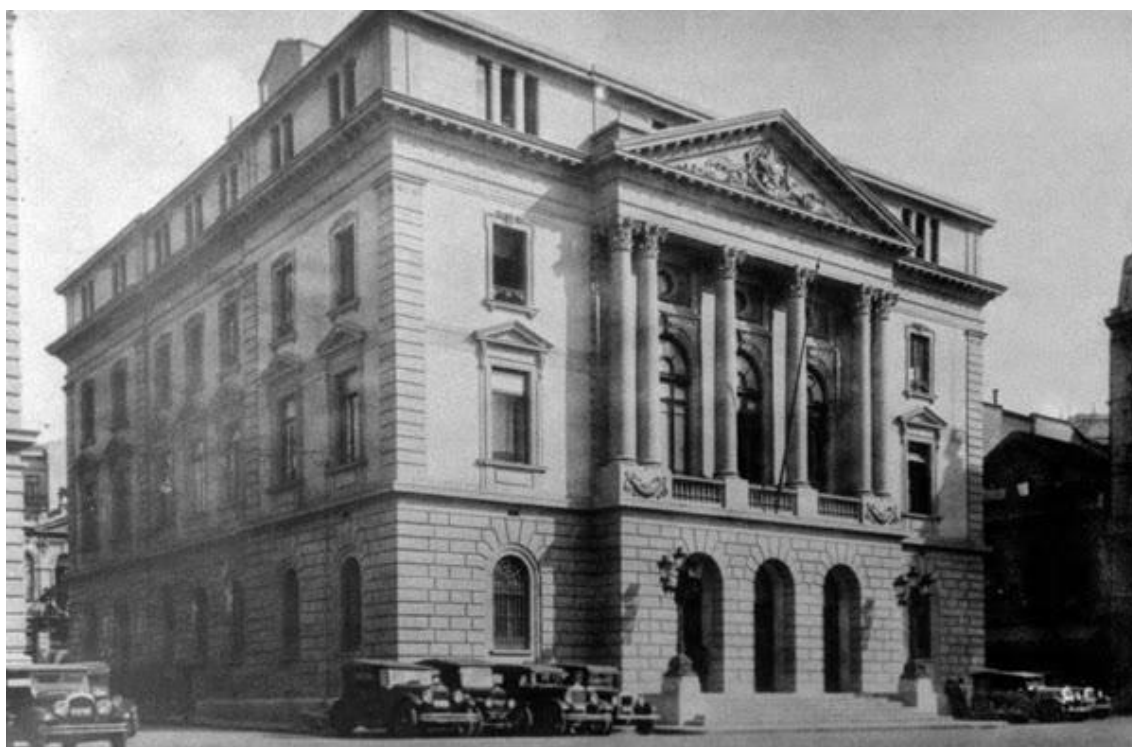


Fig.5- Tesouraria de Fazenda (1886-1891). Projeto do engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo (1851-1928). O ático é um acréscimo posterior.

Fonte:< http://spempretoebranco.blogspot.com.br/2015_04_01_archive.html>



Fig.6-Secretaria da Agricultura (1891-1896), projeto do engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo.

Fonte: WOLF de Carvalho, Maria Cristina. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Edusp, 2000.



Fig.7- Edificações de autoria do engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo, construídas em torno do Pátio do Colégio. Ao fundo, no centro, sede da Delegacia de Polícia (c.1894-1896). A ala à esquerda foi erguida depois de derrubada a antiga igreja do Colégio.

Fonte: WOLF de Carvalho, Maria Cristina. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Edusp, 2000.



Fig.8- Correio Geral, cuja sede foi iniciada em 1887, de autoria do engenheiro alemão Mateus Häussler. Foto de Kowalsky e Hensler, datada por volta de 1892.

Fonte: KOSSOY, Boris. *Album de photographias do Estado de São Paulo*, 1892. São Paulo: Kosmos, 1984.



Fig.9-Reconstituição gráfica aproximada do grande conjunto de edifícios geminados, de propriedade do Visconde, depois Conde de São Joaquim (1834-1909), que ocupava toda a extensão da Travessa do Colégio (Rua Anchieta), com faces para a Rua da Imperatriz (Quinze de Novembro) e para o Largo de Palácio (Pátio do Colégio). Desenhos do Autor, 2008.

Aqui vemos as elevações desse conjunto voltadas para a Travessa do Colégio e para o Largo de Palácio. Construído entre o final dos anos 1870 e início da década seguinte, era notável por apresentar mirantes em forma de chalé. Desenhos do Autor, executados com técnica digital, 2008.

Fonte:<www.arquipaulistana.com>

igreja do Colégio.

A vetusta construção era vista com maus olhos. Embora duas vezes centenária, o estilo arquitetônico da igreja, severo e despojado, não agradava, sendo considerado incompatível com os enfeitados edifícios ecléticos neorrenascentistas recentemente erguidos. Embora edificada no século XVII, não seguia nem de longe a bela arquitetura da mais rica construção jesuítica do Brasil colônia, a magnífica igreja seiscentista do colégio jesuítico da cidade do Salvador (1657-1707), na Bahia, obra cujos trabalhos entraram pelo século XVIII adentro, graças ao talento dos altamente qualificados artífices e artistas portugueses (BAZIN, 1983, v.2, p.22 a 25). Dadas as difíceis condições econômicas, sociais e culturais enfrentadas pela vila de São Paulo nos anos de 1600, a igreja piratiningana parecia ser uma versão mais modesta e mais tosca do templo jesuítico do Rio de Janeiro (**fig.10**), datado do século XVI, modelo seguido por várias outras igrejas inacianas do Brasil, pequenas e modestas (BAZIN, 1983, v1. ,p. 106 e 107).

Completamente plana e de proporções quase quadradas, a fachada da igreja (**fig.2**), mais larga do que alta, era enquadrada por cunhais, que sustentavam uma cornija arquivada sobre a qual se erguia o frontão secamente triangular, perfurado por um óculo de formato circular. Em cada extremidade lateral do frontão, havia um pináculo em forma de pirâmide. No ângulo superior, uma peanha suportava a cruz.

No frontão, acima do olho-de-boi, uma tarja circular de pedra trazia a identificação jesuítica, o monograma IHS, abreviação de IHESUS, antiga grafia do nome do Cristo, em que a presença da letra *agá* estava influenciada pela grafia grega do nome de Jesus, IHΣΟΥΣ (Iesous), onde a letra *eta* maiúscula comparece sob a forma de um H (**fig.11**).

No monograma, sobre o traço horizontal da letra média apoiava-se uma pequena cruz. Abaixo da insígnia, estavam gravados três cravos divergentes a partir das pontas, representando os usados na crucificação do Senhor, cravos porém que não aparecem na tarja de pedra. Esta, ao que parece, foi retirada na época da demolição do templo e depois transferida para o frontispício da igreja de São Gonçalo, então nas mãos dos jesuítas, onde até hoje permanece (**fig.12**).

A frontaria do templo jesuítico achava-se dividida por outra cornija



Fig.10- Aspecto da igreja jesuítica da cidade do Rio de Janeiro, demolida em 1922.

Fonte: < <http://historiasemonumentos.blogspot.com.br/2014/09/complexo-jesuitico-do-morro-do-castelo.html> >



Fig.11- Monograma de Jesus, com a cruz e os cravos da crucificação dentro de um resplendor em forma de sol irradiante, símbolo da Companhia de Jesus.

Fonte: < <https://br.pinterest.com/pin/373728469064117204/> >



Fig. 12- Pormenor da fachada da igreja de São Gonçalo da cidade de São Paulo, com a tarja jesuítica seiscentista inserida na fachada acima da porta de entrada. Foto do Autor, 2017.

arquitravada na altura do piso do andar superior. Abaixo, no centro, abria-se a portada, cujos batentes de pedra simulavam pilastras, dando sustentação à verga. De acordo com o engenheiro e historiador Antônio de Toledo Pisa (1848-1905), a porta principal da igreja, constituída de duas folhas, era obra grosseira de entalho e trazia a data de 1673. Numa das folhas, sem dúvida a do lado do Evangelho (lado direito do edifício), trazia o IHS jesuítico com os três cravos divergentes, que o autor interpretou como "IHSV (*In hoc signu vinces*) sob a imagem da cruz", na outra, o M e o A, sobrepostos e entrelaçados, o monograma de Maria, símbolo revelador da fervorosa devoção à Nossa Senhora, tão característica da Companhia de Jesus (**fig.13**). A soleira da entrada era de pedra, mas acreditava Toledo Pisa que a lumieira, de madeira, uma vez estragada, fora substituída por uma verga de cantaria, com a data de 1681 (PISA, Antônio Toledo. A EGREJA do Collegio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 24 de março de 1896, p.1).

Na parte de cima, abriam-se três janelas retangulares com seus respectivos aros de pedraria, sendo a central pouco maior que os vãos laterais. Apoiados na cornija arquitravada que dividia a fachada horizontalmente, havia dois segmentos retos e oblíquos de frontão interrompido. Ladeando a janela central do andar de cima, esses fragmentos de frontão reto, mal posicionados e mal proporcionados, não se articulavam tectonicamente com a portada situada abaixo. Uma impropriedade que traia a pouca intimidade do desconhecido autor da traça da fachada (um padre jesuíta local?) com os cânones clássicos da arquitetura.

Segundo o historiador da Arte francês Germain Bazin (1901-1990) (1983,v.1, p.93), baseado em informação do erudito padre jesuíta português Serafim Leite (1890-1969)(LEITE, 1943,tomo IV),a torre inaciana teve ser refeita em 1701. Pegada ao corpo da igreja pelo lado do Evangelho, e um pouco recuada em relação à fachada, apresentava quatro andares, marcados por cornijas arquitravadas apoiadas em cunhais.

No pavimento térreo, existia originalmente uma pequena abertura retangular, com mais largura do que altura. Mas em 1886 o presidente Barão do Parnaíba (1831-1888), mandou abrir uma porta em seu lugar, com o objetivo de facilitar o acesso das pessoas às repartições públicas instaladas no térreo do palácio (**fig.14**) (MARTINS, 1973, p.122).

No primeiro andar da torre, havia outra janela retangular, cujo peitoril se



Fig.13-Monograma de Maria.

Fonte:< <http://www.cosenascoste.com/forum/topic/42244-ma-e-la-domus-aurea/>>



Fig.14- Vista da fachada da antiga igreja dos jesuítas , depois do desastre de 1896. Notar a porta aberta no térreo da torre por ordem do presidente da Província Barão do Parnaíba (1831-1888). Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte:< http://spempretoebianco.blogspot.com.br/2015_04_01_archive.html>

apoiava diretamente na moldura que separava o térreo do primeiro andar. Em largura e altura esse vão regulava mais ou menos com as janelas do coro da igreja.

No segundo andar, estava instalado um mostrador de relógio. Esse equipamento fora introduzido entre 1817 e 1827, pois em aquarela de Thomas Ender (1793-1875), datada de 1817, no lugar onde depois se veria o mostrador, havia um vão retangular no eixo do vão inferior. À esquerda dessa abertura, algo estava engastado na parede, um retângulo de pequenas dimensões, em que se notava um círculo. Bem poderia ser essa peça um relógio de sol, substituído mais tarde pelo relógio mecânico (**fig.15**). Em aquarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), datada de 1827, já existia o mostrador centralizado na parede daquele andar, que se vê em fotografias do final do Oitocentos. Embora a representação de pintor francês seja infiel em muitos pontos, o mostrador de relógio é facilmente identificável (**fig.16**).

E no último andar, abriam-se oito grandes sineiras em arco pleno, um par em cada face do campanário. A cobertura, em forma de coruchéu piramidal, era de telhas. Cada um dos quatro cantos do telhado era ornado com uma pirâmide de cantaria, em cuja ponta superior se equilibrava uma bola de pedra. No cume do coruchéu, um remate sustentava uma cruz de ferro, em torno da qual girava uma grimpã em forma de seta.

Na parte posterior dessa seta, via-se um sol irradiante, dentro do qual estava gravado o monograma jesuítico. Com a demolição do templo, a peça original foi retirada, guardada, restaurada e hoje se acha de volta à primitiva posição, no alto do telhado da réplica arquitetônica (**fig.17**) (CARDIM, 1975, p.94).

Na São Paulo de fins do século XIX, a elite governante tinha os olhos inteiramente voltados para a civilização europeia, aí incluída, é claro, a arquitetura eclética contemporânea. Para elas o passado colonial da Capital, tão carente de recursos, muito incomodava. A ideologia *bandeirista*, que começava a dominar a historiografia paulista e a se disseminar entre as famílias tradicionais, de *quatrocentos anos*, não era suficiente para provocar nas pessoas pertencentes às camadas superiores a admiração pelos poucos testemunhos materiais do tempo dos sertanistas. Além disso, muitos dos homens do governo republicano recém-instituído ou eram ateus ou anticlericais, tendo por isso muita má vontade com relação aos assuntos da Igreja.

Quando D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (1826-1894) pretendeu,



Fig.15- Pormenor de aquarela de Thomas Ender (1793-1875), 1817, mostrando a antiga igreja dos jesuítas. Notar ao lado da janela do terceiro piso da torre, um provável quadrante solar, substituído depois por um relógio mecânico.

Fonte: REIS, Nestor Goulart. São Paulo: vila,cidade,metrópole.São Paulo: Bank Boston, Prefeitura de São Paulo, 2004.



Fig.16- Pormenor de aquarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), representando a antiga igreja do colégio. Embora a pintura traga uma série de equívocos, provocados pelos esboços sumários realizados pelo pintor quando em São Paulo, fica claro que em 1827 o relógio mecânico já estava instalado na torre da igreja.

Fonte: REIS, Nestor Goulart. São Paulo: vila, cidade, metrópole. São Paulo: Bank Boston, Prefeitura de São Paulo, 2004.

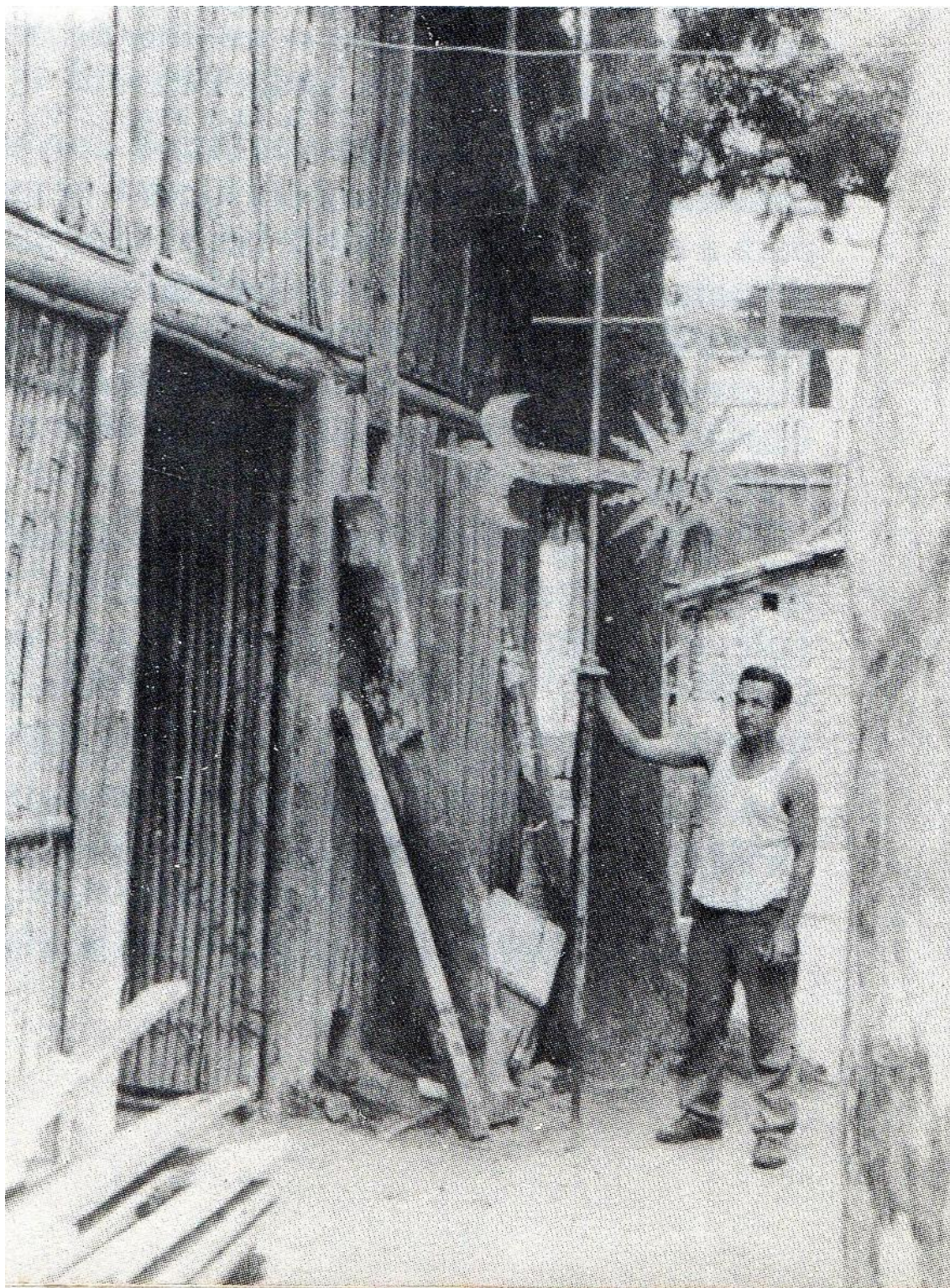


Fig.17- Imagem da grimpa da torre da antiga igreja do Colégio, depois de restaurada. Antes de sua instalação na igreja reconstituída, ficou guardada durante décadas na igreja de São Gonçalo.

Fonte :CARDIM Filho, Carlos A. Gomes.Pátio do Colégio.*Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, v. 187, ano 37 (1975).

em 1890, organizar uma irmandade que se responsabilizasse pelo pequeno templo, o governador paulista Jorge Tibiriçá (1855-1928) alegou que a igreja era de propriedade nacional, achando-se na posse e administração do Estado de São Paulo, e por isso ficava prejudicada a intenção do bispo (ESTANDARTE. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 18 de outubro de 1890, p.2).

A exoneração do governador ocorrida em 7 março do ano seguinte, foi comemorada na imprensa diária por um *republicano histórico*, cujo nome desconhecemos. O autor da nota taxava Tibiriçá de “vândalo” por usar de falsos pretextos para arrasar a velha igreja inaciana. A respeito dela dizia:

[...]

O templo de que se trata, além de conter preciosos e lindíssimos trabalhos de arte, como não os têm outros, é monumento de fatos tradicionais de tempos primitivos da história, não só de S. Paulo mas do Brasil, devendo por isso ser eternamente conservado, como praticam as nações que não são bárbaras. Por isso pessoas alheias aos sentimentos religiosos exultam com a queda providencial do Sr. Tibiriçá. (A QUEDA do vândalo. O Estado de São Paulo. São Paulo, 7 de março de 1891, p.2).

Embora exultante e afirmando que a igreja do Colégio deveria ser preservada para sempre, fatos posteriores anulariam o otimismo desse *republicano histórico*, cuja mentalidade estava bastante afastada da dos demais de sua categoria.

A verdade é que o templo do Colégio, no entender do governo estadual, estorvava o novo ambiente urbano que aos poucos se compunha e por isso tinha de ser demolido. Sobre isso ponderou o padre Serafim Leite:

Alvo da má vontade de muitos que o consideravam obsoleto, inestético, ao lado do novo palácio, deixou de ser conservado, murmurando-se até que havia quem procurasse por meio de goteiras propositais, arruinar a segurança de suas paredes principais. [...]
Não foram alheias à derrubada da igreja tristes paixões humanas (TAUNAY, 1953, v.1, p.40).

Antônio Egídio Martins em seu *São Paulo antigo* nos conta:

Em obediência ao que dispõe o parágrafo único do art. 64 da Constituição Federal de 1891, foi expedido o aviso de 20 de julho do mesmo ano, declarando que daquela data em diante passava para o domínio do Estado de São Paulo o edifício próprio nacional que serve de palácio dos respectivos

presidentes, sendo que a Igreja do Senhor Bom Jesus do Colégio, que lhe era contígua, foi mandada, por despacho do ministro da fazenda do governo da república de 9 de fevereiro de 1891, converter a mesma igreja em palácio do Congresso Constituinte do Estado de São Paulo, cujas obras foram encetadas na administração do Dr. Jorge Tibiriçá, então governador do Estado.

O bispo diocesano, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, logo que soube do destino que ia ser dado à Igreja do Colégio, dirigiu-se, acompanhado do cônego Ezequias Galvão da Fontoura [1842-1929], atual arcebispo da Sé e capelão do Recolhimento de Santa Teresa [c.1910] e de outros membros do cabido, cujos nomes agora não nos ocorre ao palácio e pediu ao Dr. Jorge Tibiriçá que mandasse suspender as obras de reforma do histórico templo; e, não tendo sido atendido pelo governador do Estado, requereu manutenção de posse, sendo, então, embargadas judicialmente as referidas obras que se estavam fazendo naquela igreja. (MARTINS, 1973, p.123)

Segundo D. Lino, desde o tempo de D. José I, tinha sido a igreja do Colégio entregue aos cuidados da Mitra Diocesana (MACEDO, Fausto. Um tesouro salvo das cinzas. *O Estado de São Paulo*. Cidades. São Paulo, 12 de agosto de 2001, p.38). Fato que tirava do governo o poder de decidir sobre os destinos da construção. Sem chegar a um acordo com o governo do Estado de São Paulo, o bispo recorreu à Justiça. A sentença foi favorável à Mitra, porém, o definitivo ganho de causa no Supremo Tribunal Federal só saiu em 1896, pouco antes de o edifício desabar (VILHENA, s.d., p.9).

Durante a ação judicial, a igreja permaneceu fechada. Cinco anos mais tarde, sem ter sido objeto de nenhuma obra de manutenção durante esse período, na noite de uma sexta-feira, dia 13 para 14 de março de 1896, durante uma das chuvas torrenciais que costumam encerrar o verão, um cunhal de pedra da torre, conforme relato do engenheiro Teodoro Sampaio (1855-1937), soltou-se e veio abaixo, levando com ele todo o telhado da nave. Era a chance de o governo se livrar definitivamente daquele empecilho arquitetônico (**fig.18**). Consultado o novo bispo, D. Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti (1850-1930) – sucessor de D. Lino, morto em 1894 –, este concordou com a demolição total do templo (dizem que depois se arrependeu profundamente de ter cedido à vontade do governo)(ARROYO, 1954, p.221).

Fica patente a indiferença geral com que foi recebido o desmoronamento da igreja no laconismo da notícia que saiu em *O Estado de São Paulo*:

Igreja do Colégio

Às 11 e meia horas da noite de ontem desabou todo o teto da igreja do



Fig.18- Cartão postal com a imagem do Largo de Palácio no final do século XIX, em que se observa em primeiro plano o jardim do palácio do governo, tendo em plano médio, à esquerda, parte do dito palácio e, ao lado dele, no centro do cartão, a antiga igreja do Colégio. De aspecto melancólico, porque fechada e abandonada (note-se a cumeeira selada do telhado), era vista como um entrave na criação do primeiro centro cívico da capital paulista. Por isso deveria desaparecer. Edição da *Mission Brésilienne de Propagande*, Paris. Acervo do Museu Paulista da USP.

Fonte:< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-20122016-160918/pt-br.php>>

colégio.

O estrondo produzido por esse desabamento foi ouvido em lugares muito distantes do centro da cidade.

À 1 hora da madrugada continuam [sic, por continuavam] caindo os fragmentos das paredes internas e cimalthas.

O doutor Américo de Campos Sobrinho [1871-1933, filho do então presidente de São Paulo Bernardino José de Campos Júnior, 1841-1915], que a essa hora se recolhia do espetáculo tomou providências no sentido de evitar desgraças pessoais, e fez postar sentinelas no lado da rua do Carmo [atual Roberto Simonsen] a fim de prevenir os transeuntes, visto como a parede desse lado ameaça ruínas.(EGREJA do Collegio. O Estado de São Paulo. São Paulo, 14 de março de 1896, p.1)

É verdade que algumas vozes se levantaram contra a demolição da velha igreja, evocando os fatos históricos ocorridos no edifício e a existência de obras de arte e alfaia dignas de serem poupadas. Isso, porém, não evitou o seu arrasamento. Com relação a esse assunto, segue o autor de *São Paulo Antigo*:

*Com o desabamento, na noite de 13 de março de 1896, da Igreja do Colégio, o governo do Estado nomeou, por ato de 31 do mesmo mês, os drs. Antônio de Toledo Piza, Teodoro Sampaio, Luís Gonzaga da Silva Leme [1852-1919] e cônegos Dr. José Valois de Castro [1855-1939] e Ezequias Galvão da Fontoura para, em comissão, recolherem e aproveitarem o que de utilidade para a história e culto católico da Igreja do Colégio, havendo sido removidos todos os objeto de culto, as obras de ornamentação dos altares e púlpitos [dos quais um se perdeu inteiramente], para a sacristia da igreja de S. Pedro, onde, devidamente colocados em ordem e numerados, estiveram, por algum tempo, guardados, e os materiais foram depositados no beco denominado do **Colégio** ou do **Pinto**, que fica situado na Rua do Carmo, entre o Palácio Episcopal [atual Casa da Marquesa] e o prédio em que funciona a Companhia de Gás [atual Casa nº.1 da antiga rua do Carmo], e está há muitos anos fechado. (MARTINS, 1973, p.123 e 124)*

AS TALHAS DA IGREJA DO COLÉGIO

Localização dos retábulos nas respectivas capelas e invocações atribuídas a cada uma delas

O palácio do governo, construído entre 1881 e 1886, substituindo o antigo colégio seiscentista, era de maior altura que o edifício anterior, e isso pode

muito bem ter impedido o bom esgotamento das águas pluviais que desciam pelo telhado da igreja em direção à parede meeira do prédio contíguo. Esse fator, aliado à total ausência da necessária revisão periódica do telhado da igreja e de sua estrutura murária, iria provocar o aparecimento de infiltrações, cujos sinais Teodoro Sampaio afirmava ter visto dias antes do arruinamento na face interna da parede meeira do palácio. Segundo ele justificou, os entraves burocráticos, protelando a visita ao templo fechado, e os dias de constantes chuvas haviam impedido os trabalhos de reparo até ser tarde demais (SAMPAIO, 1898, p.5 a 8).

Abalada a estrutura da igreja, desabados toda a cobertura da nave e dois arcos de capelas contíguas situadas no lado do Evangelho, a partir do pé da torre, decidiu-se pela demolição total da construção, de comum acordo, como vimos, com o novo bispo.

Foi durante a remoção dos entulhos – constituídos de terra e pedras conjuntamente apiloadas –, trabalhos esses iniciados em 15 de março de 1896, dois dias depois do sinistro, que o fotógrafo Pedro Hoenen, estabelecido na Rua São Bento, n.46, tomou as famosas fotografias: algumas vistas internas e externas do edifício e a imagem de cada altar individualmente. Com exceção de um que, ao que parece, não foi fotografado isoladamente ou, então, cuja foto se extraviou.

São essas fotografias, pertencentes ao Arquivo do Pátio do Colégio, que possibilitam reconstituir o posicionamento dos retábulos e fazer o reconhecimento estilístico de cada um deles, assim como de outras obras de talha existente no interior da antiga igreja jesuítica.

O que nos levou a estudar os retábulos da igreja do Colégio e sua correspondente localização dentro da igreja foi o fato de a descrição que fez Geraldo Dutra de Moraes (1979) acerca dessas talhas, tanto em relação à sua localização nas capelas, quanto à análise estilística de cada um dos retábulos haver sido realizada de maneira totalmente equivocada. No estudo que fez esse autor, as capelas não foram situadas como deveriam em relação ao altar-mor, nem os retábulos correspondiam às suas capelas, nem foram, do ponto de vista morfológico, corretamente analisados. Foi no intuito de desfazer a tremenda confusão por ele criada, que decidimos reestudar o assunto.

Antes, porém, de encetar a identificação dos seis altares laterais da

Igreja do Colégio jesuítico de São Paulo, acreditamos ser conveniente alertar para o fato de que o espaço interno das igrejas católicas brasileiras do período colonial e imperial era altamente hierarquizado e isso nos facilitará a compreensão do que se dirá depois. Quanto mais próximo da capela-mor, mais solene e sagrado o espaço se tornava. Assim, temos que o ponto mais digno de reverência dentro da igreja era o local onde estava instalado o altar principal, na parte interna da capela-mor, separada da nave pela grade de comunhão.

No corpo da igreja, a hierarquia espacial se dava segundo a importância das capelas laterais, já que na igreja jesuítica paulistana, não existiam altares colaterais, que flanqueassem o arco-cruzeiro. Altares que teriam precedência em relação aos demais altares secundários da nave. O lado à direita do altar-mor era o mais privilegiado. Conhecido como lado do Evangelho, era onde durante a missa se dava, e ainda se dá nas igrejas atuais, a leitura dos quatro livros que narram a vida e a doutrina de Cristo incluídos no Novo Testamento. O lado esquerdo do altar-mor, chamado lado da Epístola, era onde durante as cerimônias religiosas eram lidas, e ainda o são, as cartas dos apóstolos dirigidas às primeiras comunidades cristãs, cartas essas também constantes da segunda grande divisão da Bíblia, que é o Novo Testamento.

Dessa organização espacial de natureza litúrgica, decorria a hierarquização dos altares laterais e a discriminação social então existente no interior da igreja. O altar lateral mais importante era o primeiro do Evangelho e o segundo, o primeiro da Epístola, e assim sucessivamente. As imagens dos santos, por sua vez, eram posicionadas no interior do templo segundo a importância dos altares. No altar-mor ficava entronizado o santo padroeiro da igreja. O santo a seguir de maior destaque ocupava o primeiro altar do Evangelho, e assim por diante. As conseqüências desse ordenamento litúrgico na disposição dos fiéis dentro da igreja são evidentes, pois durante o ofício divino as pessoas de maior preeminência social ficavam postadas junto da capela-mor, quando não no interior dela. Os homens comuns ficavam de pé ao longo dos lados longitudinais da nave, enquanto as mulheres se aglomeravam no centro, assentadas diretamente no chão, já que as igrejas brasileiras até o início da segunda metade do século XIX não dispunham de bancos para os fiéis.

Num tempo em que os cemitérios públicos eram inexistentes, as pessoas eram geralmente inumadas em sepulturas demarcadas no piso das igrejas, conforme

a ordem sócio-espacial vigente no interior desses edifícios. As campas de maior prestígio ficavam localizadas no chão da capela-mor, a seguir vinham as mais próximas desse recinto, fora da grade de comunhão. Quanto mais distantes da capela-mor, menor o mérito social das campas, sendo as de menor relevo as que se localizavam nas proximidades da porta de ingresso do templo. Isso se refletia, obviamente, no valor das taxas cobradas pela igreja na hora do enterramento. E no tempo da escravidão, certas igrejas não admitiam que negros ou escravos fossem nelas sepultados. O enterramento dos mais humildes era então permitido no adro ou no largo existente defronte dos templos.

A tarefa de reconstituir a localização correta dos seis retábulos laterais não é tão fácil quanto se imagina. Nas vistas internas da igreja, eles não aparecem (exceto um, instalado em capela arruinada, junto da torre), pois, a profundidade das capelas laterais impedia a visão das talhas a partir da nave.

A reconstituição então se efetuou por comparação de cada uma das fotos dos retábulos isolados com as vistas gerais internas. Na verdade, o que nos guiou foram as moedas que o desmantelamento provocou nas molduras de tijolos que guarneciam as entradas das capelas. Por meio das machucaduras e desbeijados nos pés-direitos, impostas e molduras dos socos, foi possível identificar cada capela e assim descobrir qual era o retábulo que aí se achava instalado.

Para isso pesquisamos cuidadosamente, numa tarde de 1981, as fotos bastante ampliadas que estiveram durante certo tempo expostas na sacristia da atual da igreja reconstituída. Na *Memoria sobre a Igreja do Pateo do Collegio* apresentada por Teodoro Sampaio, obedecendo aos desejos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dois meses após o desmantelamento daquele monumento, dizia o autor que pelos indícios apresentados, teriam sido “algumas peças de cantaria de um dos ângulos externos da torre, adjacente à mencionada parede” meira, “as primeiras a desabar, abalando com a queda o teto já mui danificado, e assim provocando o desequilíbrio de toda aquela construção”(SAMPAIO, 1898, p.5 a 8).

É possível observar o descrito por Teodoro Sampaio na fotografia interna de Hoenen que olha para a torre e o coro a partir de um canto da nave principal situado no lado da Epístola (lado esquerdo do edifício), abarcando as três capelas laterais do lado do Evangelho (**fig.19**). Nela vemos, junto da torre, a terceira capela



Fig. 19- Aspecto interno da antiga igreja do Colégio, com a objetiva do fotógrafo direcionada para o lado do Evangelho. Segundo se averiguou, o desmoronamento da igreja iniciou-se a partir do canto da torre, provocando o arriamento do telhado e a destruição dos arcos de duas capelas e um dos púlpitos. Na terceira capela do Evangelho, junto à torre, é possível discernir, encostado contra a parede, um dos retábulos mais antigos da igreja. Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.

desse lado totalmente destruída, podendo-se vislumbrar o retábulo apoiado contra a parede de fundo, de morfologia bastante antiga, meio soterrado pelos escombros.

Essa capela tinha do seu lado esquerdo, entre ela e a vizinha, a segunda do Evangelho, um dos dois púlpitos da igreja, acompanhados pelo correspondente abafa-voz, púlpito aniquilado por estar encravado no nembo existente entre essas capelas, que então havia derruído inteiramente. É possível, porém, distinguir em plano mais alto a porta interna que por meio de degraus descendentes permitia o acesso ao púlpito desaparecido (MORAES, 1979, p.73).

Da segunda capela do Evangelho só restou o pé-direito do arco situado à esquerda, não sendo possível descobrir pela foto analisada qual seria o retábulo correspondente. Contudo, comparando a vista geral desse lado da igreja com as fotos que registram os retábulos isoladamente, é fácil reconhecê-lo, naquela que registra a imagem de um retábulo com características estilísticas de meados do século XVIII, tendo, ao alto, à sua direita, a porta que levava ao púlpito já referida e, à esquerda, o pé-direito sobrevivente (**fig.20**).

A capela lateral seguinte, a primeira do Evangelho, é apenas entrevista na foto original de que estamos tratando. Na verdade, são só visíveis os raios solares iluminando o seu interior, pois, se seu arco de entrada sobreviveu ao acidente, o telhado e o forro arriaram sobre o retábulo correspondente (a foto aqui publicada sofreu corte do lado direito do observador, não sendo possível apreciar o citado detalhe). Entre as fotos das capelas, conseguimos reconhecê-lo como o retábulo desmantelado de estilo mais recente, totalmente branco, estando evidentes na imagem as peças de madeira pendentes do forro rompido (**fig.21**).

Já o reconhecimento dos retábulos do lado da Epístola é talvez um pouco menos trabalhoso. As capelas desse lado foram bem menos afetadas, sendo que a foto da vista interna que registra esse lado também não permite identificar quais os retábulos se achavam abrigados dentro delas. Temos de confrontar, portanto, a fotografia que mostra a vista interna desse lado (**fig.22**), com a imagem individual dos retábulos laterais ainda não posicionados. A identificação dessas peças de talha também se deu, como já dissemos, pelas marcas deixadas nas molduras dos arcos de acesso às capelas laterais e por outros indícios.



Fig.20- Vista da segunda capela do Evangelho, com seu arco levado ao chão. No canto superior à esquerda da imagem, vê-se a porta interna que, a partir do pavimento superior, dava acesso a um dos dois púlpitos instalados no interior da nave. Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.



Fig.21- Aspecto da primeira capela do Evangelho, mostrando o retábulo mais recente da igreja,então bastante avariado por conta da queda do telhado. Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.

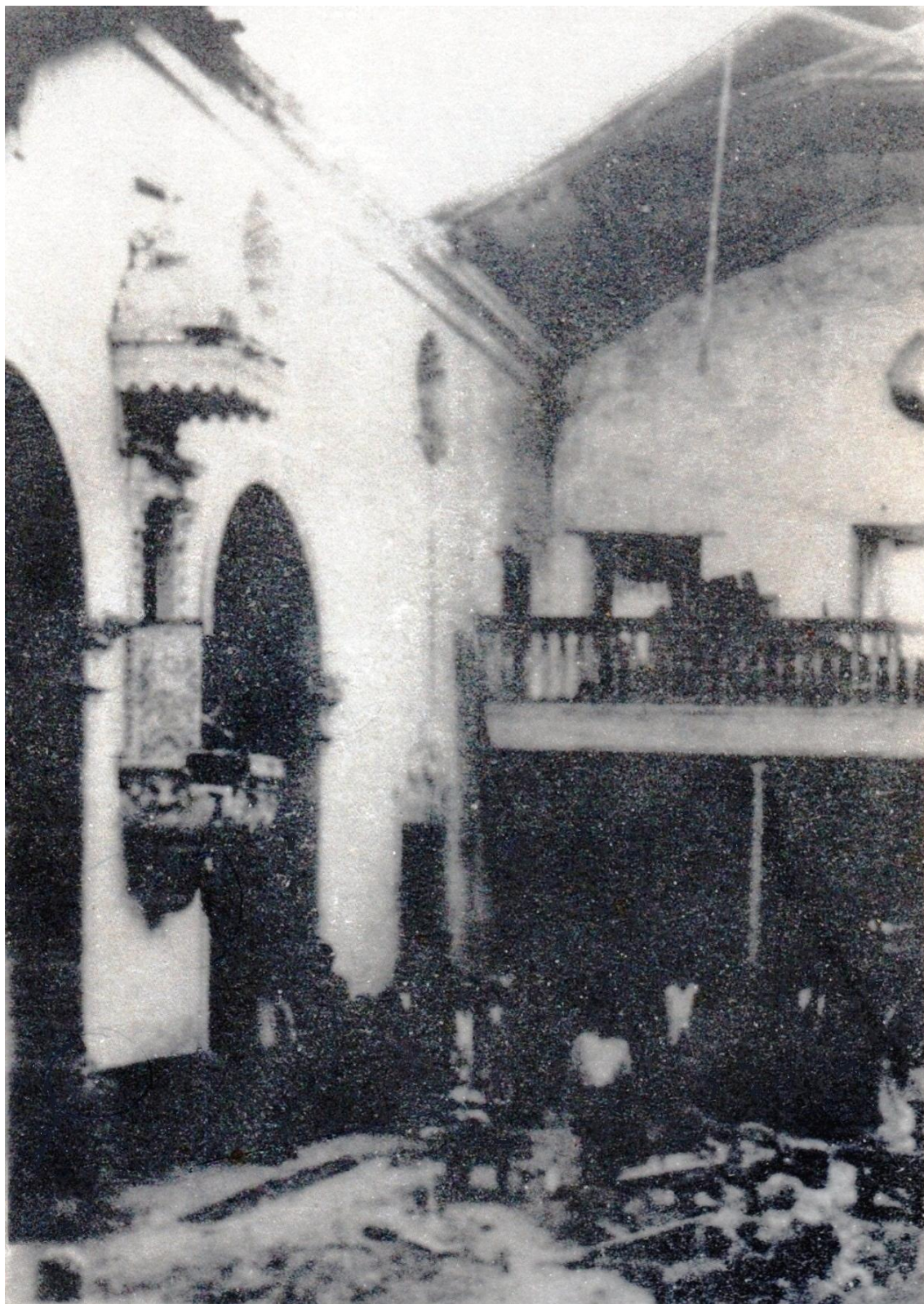


Fig. 22- Aspecto interno da antiga igreja do Colégio, com a objetiva do fotógrafo direcionada para o lado da Epístola, em que se nota que o outro púlpito fora pouco afetado pelo desabamento da construção. Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.

A talha da primeira capela da Epístola vamos reconhecê-la na foto que traz um retábulo de características arcaicas, semelhantes às características daquele cuja imagem não foi registrada individualmente, o que ocupava a terceira capela do Evangelho, próxima da torre (**fig. 19**).

Podemos notar atrás do retábulo que agora nos interessa, no alto da parede de fundo da capela, uma grande rachadura horizontal (**fig.23**), confirmada por um trecho da notícia datada de 14 de março de 1896, publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, já transcrita neste estudo:

[...]

O doutor Américo de Campos Sobrinho, que a essa hora se recolhia do espetáculo tomou providências no sentido de evitar desgraças pessoais, e fez postar sentinelas no lado da rua do Carmo [atual Roberto Simonsen] a fim de prevenir os transeuntes, visto como a parede desse lado ameaça ruínas. (grifo do Autor)(EGREJA do Collegio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 14 de março de 1896, p.1)

O retábulo da capela seguinte deixaremos por último, porque o da terceira capela da Epístola é mais fácil de identificar. Era a única que ao ser fotografada já mostrava seu espaço desembaraçado do entulho, fato confirmado pela foto interna que revela esse lado da igreja, com dois trabalhadores sob o arco de ingresso da capela, cuja área fronteira já se encontrava completamente desimpedida (**figs. 22 e 24**).

Por exclusão, só nos resta identificar agora o retábulo abrigado na segunda capela da Epístola. Tinha, como o exemplar anterior, características do chamado Estilo Nacional Português, denominação criada pelo professor Robert Chester Smith (1912-1975), grande estudioso da talha portuguesa (SMITH, 1963, p.70 e ss.), equivalente ao tipo 7, segundo a classificação de Germain Bazin (BAZIN, 1983,v.1,p.259).

Na foto que o individualiza (**fig.25**), podemos notar grande quantidade de destroços acumulados do lado esquerdo da capela, destroços que podemos confirmar na vista geral do lado da Epístola saindo do arco correspondente e avançando em direção ao centro da nave. Tal como acontecia no lado do Evangelho, entre a segunda e a terceira capela da Epístola estava instalado o outro púlpito da igreja. Embora danificada, a peça permanecia no lugar com peanha e abafa-voz (**fig. 22**).

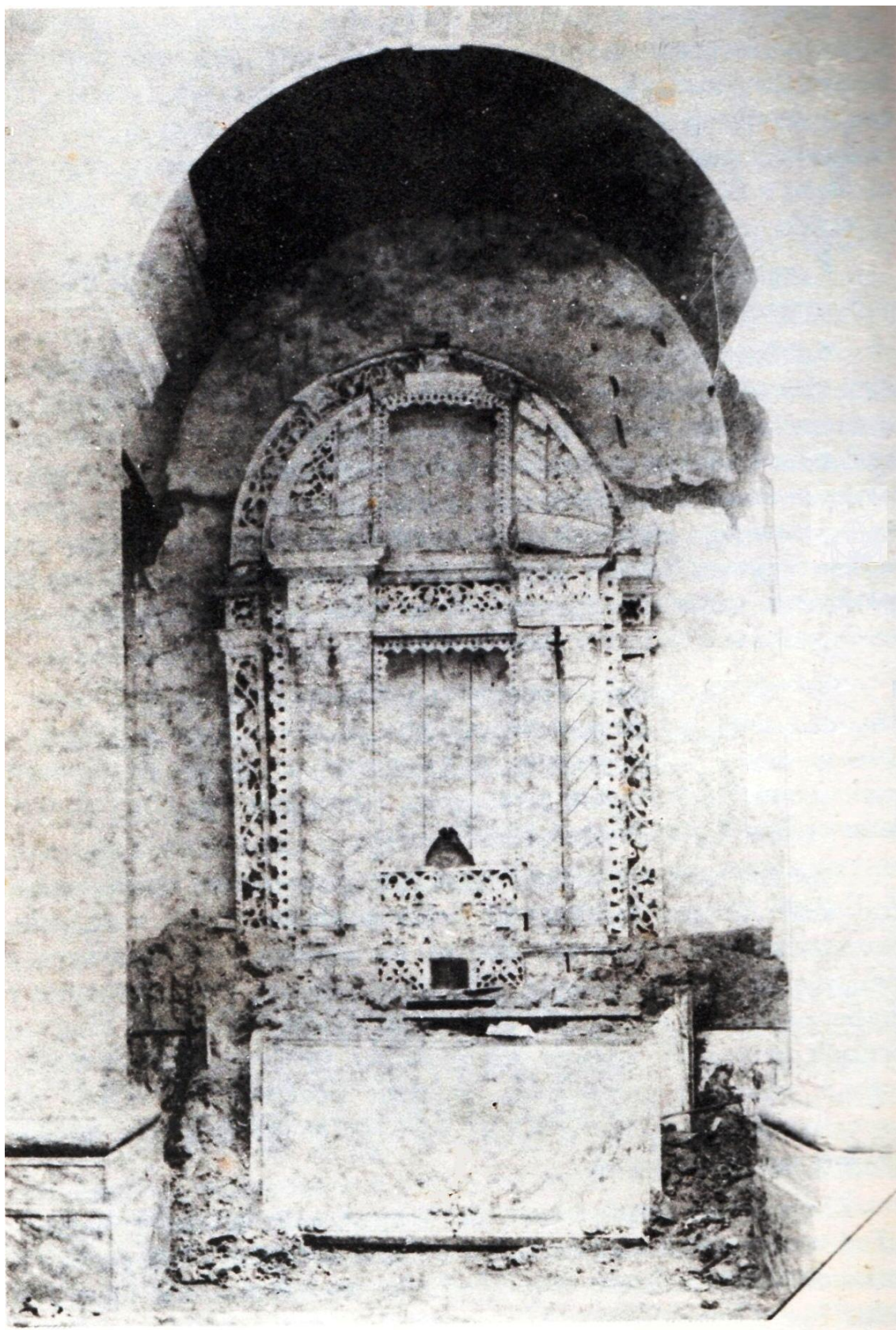


Fig.23- Vista da primeira capela do lado da Epístola. Ao fundo, grande rachadura em sentido horizontal, demonstrando ser essa uma das três capelas que tinham como fundo a parede lateral do templo voltada para a antiga rua do Carmo, hoje Roberto Simonsen. Parede essa que dava a impressão de que podia cair a qualquer momento. Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.

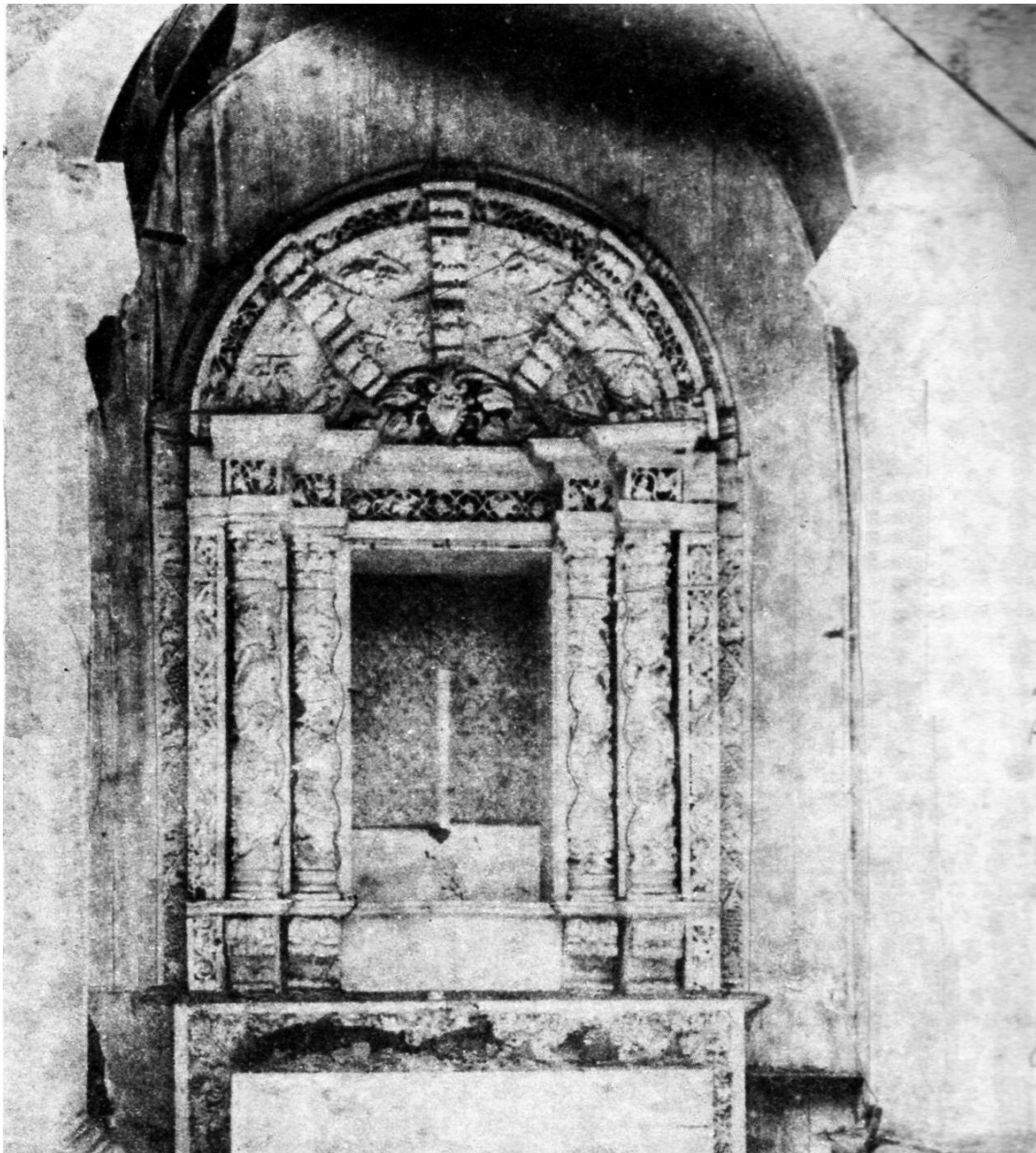


Fig.24- Vista da terceira capela da Epístola, então já livre dos destroços. Nela se vê um dos retábulos não atingidos pelo desmoronamento. Talha que, por seu estilo, estava em execução em 1707. Quatro retábulos foram feitos nessa época, mas no momento do sinistro só restavam dois. Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.

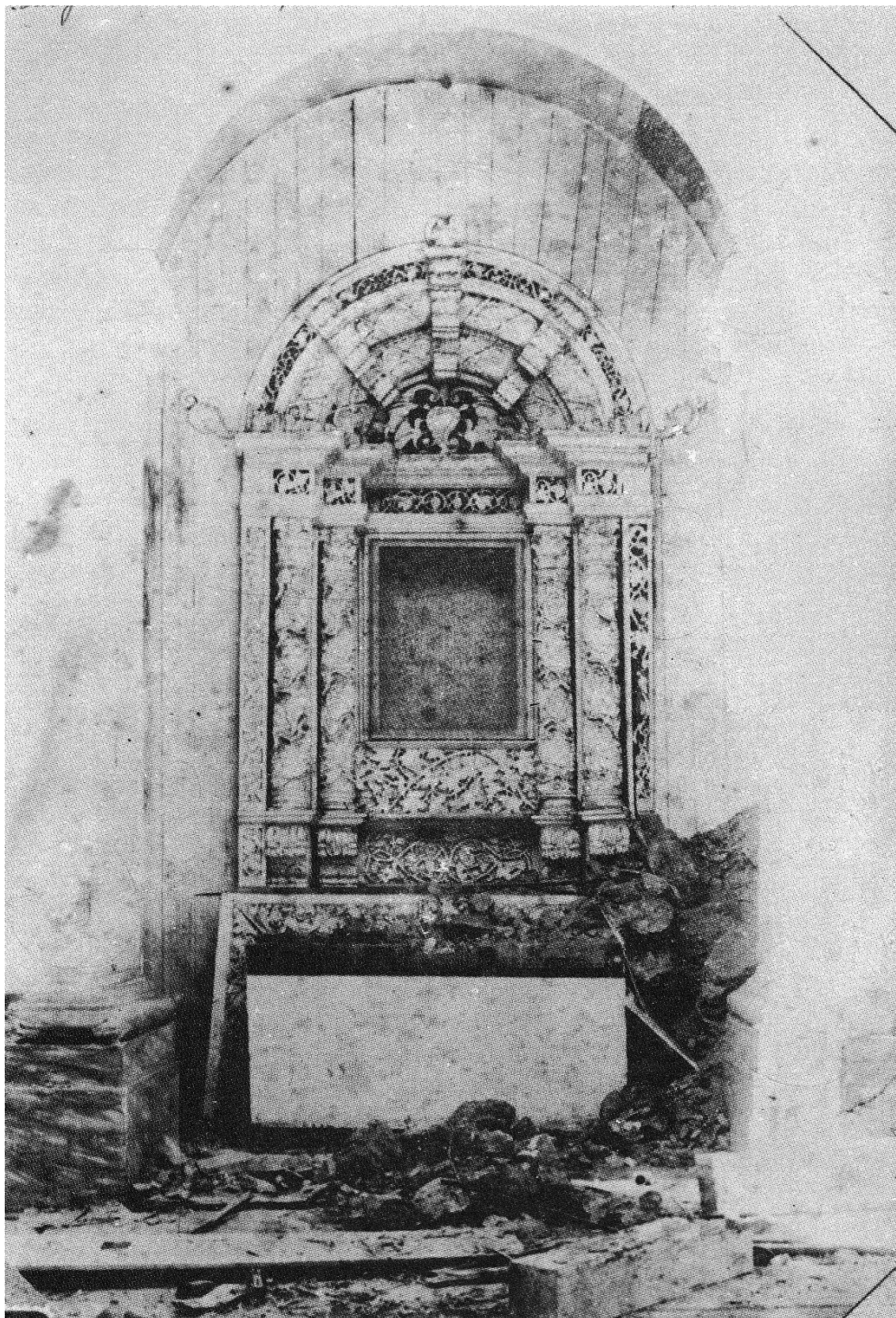


Fig.25- Vista da segunda capela do lado da Epístola. Decorando o altar, outro dos retábulos que estavam sendo executados em 1707. Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.

Quanto ao retábulo principal, intacto porque abrigado no fundo da capela-mor, cujo telhado não foi afetado pelo sinistro, é fácil reconhecê-lo graças às suas grandes dimensões (**fig.26**).

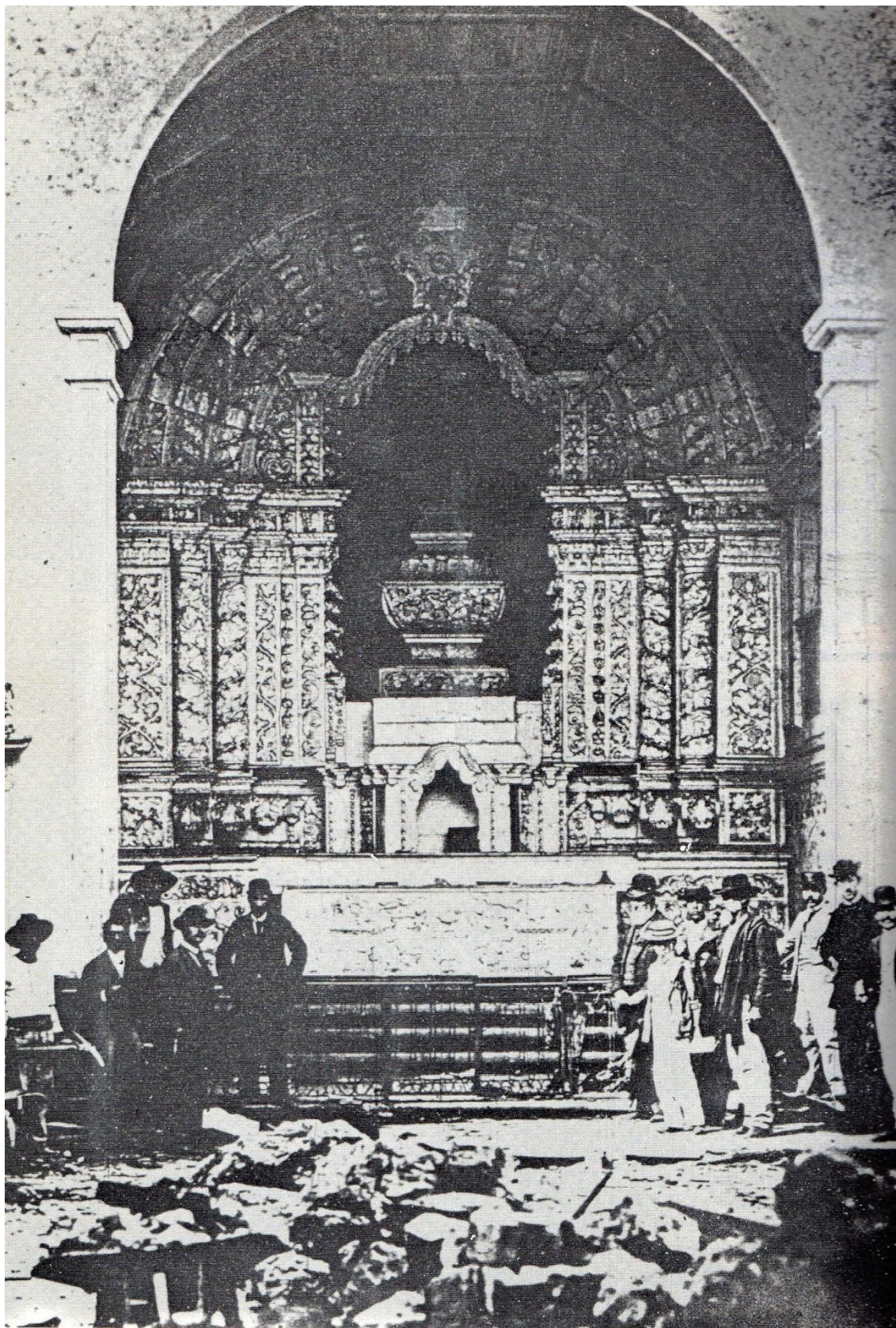
Por outro lado, para a atribuição das respectivas invocações foi necessário lançar mão de informações relativas à igreja de 1654 e à igreja de 1745 e de dois inventários da igreja, um efetuado em 1817, publicado em jornal de 1890, e outro datado de 1861, citado por Antônio Egídio Martins (1973).

Como entre essas fontes existem discrepâncias, por conta da ordem de enumeração dos altares escolhida por cada informante, tivemos de ficar muito atento aos detalhes para chegar a um bom resultado. Segundo Serafim Leite (1945, p.284 e 285), em 1654 havia apenas três altares laterais, além daquele instalado na capela-mor, em que estava então entronizada a imagem de São Paulo, primeiro orago da igreja do Colégio até 1711, quando transferida a imagem para a igreja matriz paulopolitana (PUPPO, 1975, p. 50).

Os altares secundários estavam consagrados a Nossa Senhora [1º do Evangelho?], a São Francisco Xavier (1506-1552), o apóstolo do Oriente, canonizado em 1622 [1º da Epístola?], e a Santa Úrsula ou às [Santas Onze Mil] Virgens [2º do Evangelho?], invocações habituais entre os altares das igrejas jesuíticas, ao lado dos dedicados a Santo Inácio e ao Senhor Jesus, ou *Ecce Homo*. Esses retábulos, de aparência desconhecida, supostamente de estilo fortemente maneirista, seriam decerto substituídos depois da construção da terceira igreja do Colégio, mas é possível que as capelas da nova construção tenham conservado, no princípio, as invocações de 1654. Conforme um depoimento de 1701 (**fig.27a**), os retábulos então existentes foram reputados obra de talha dourada digna de se ver (TAUNAY, 1953, p.31).

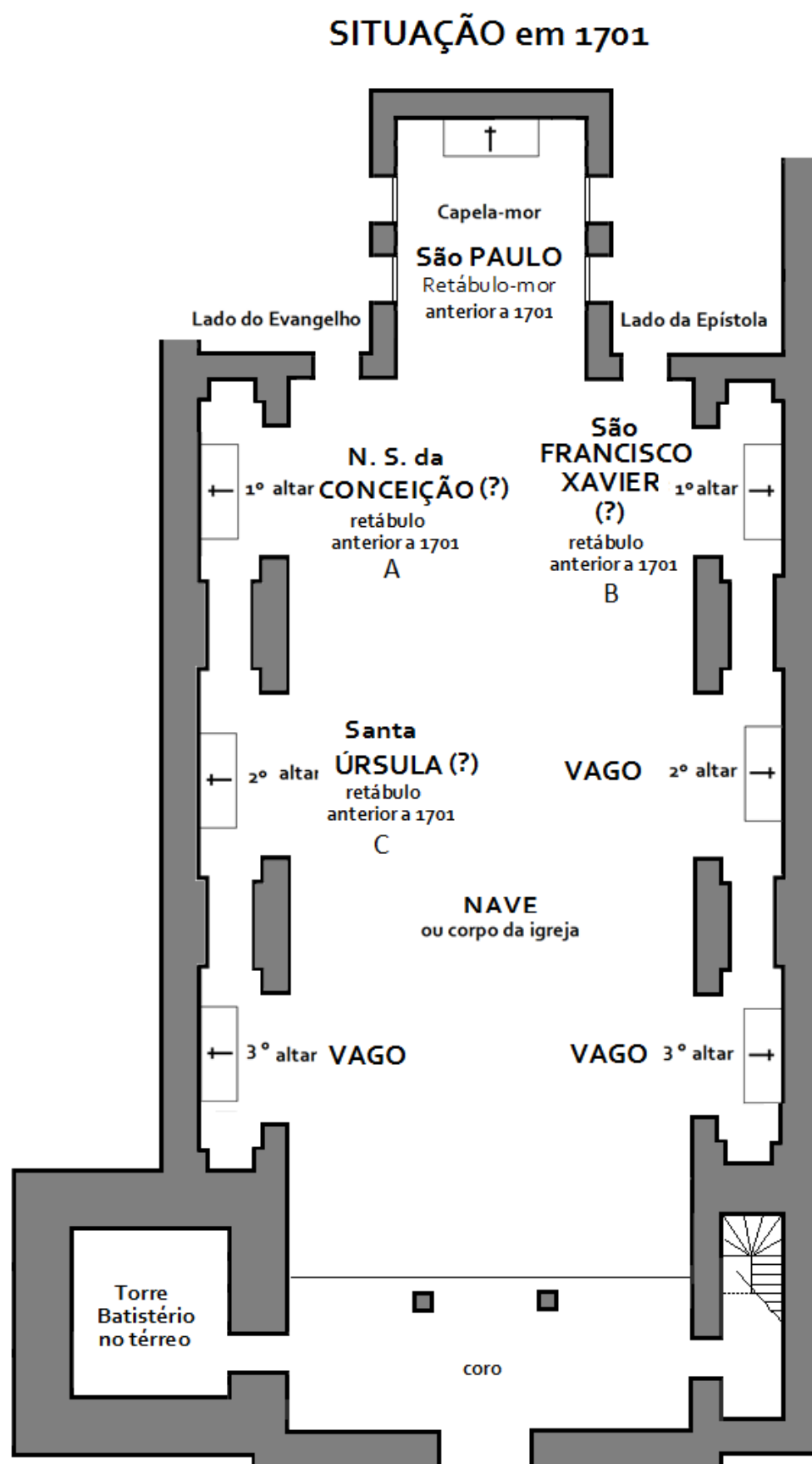
Outro depoimento, datado de 1707 (**fig.27b**), mencionava a construção de quatro retábulos menores de talha dourada (BAZIN, 1983, v.2, p.174). Esses retábulos, pelo estilo, deviam ser contemporâneos do novo retábulo principal, todos eles devidamente iluminados a ouro. O retábulo principal, ao que parece reformado por volta de 1745, resistiu intacto até 1896, mas dele hoje só restam fragmentos, infelizmente. Tanto ele quanto dois dos retábulos laterais remanescentes em 1896, seguiam o Estilo Nacional Português, conforme se vê nas fotos de Hoenen.

Depois da reforma de 1741/1745 (**fig.27c**), a igreja foi reinaugurada com



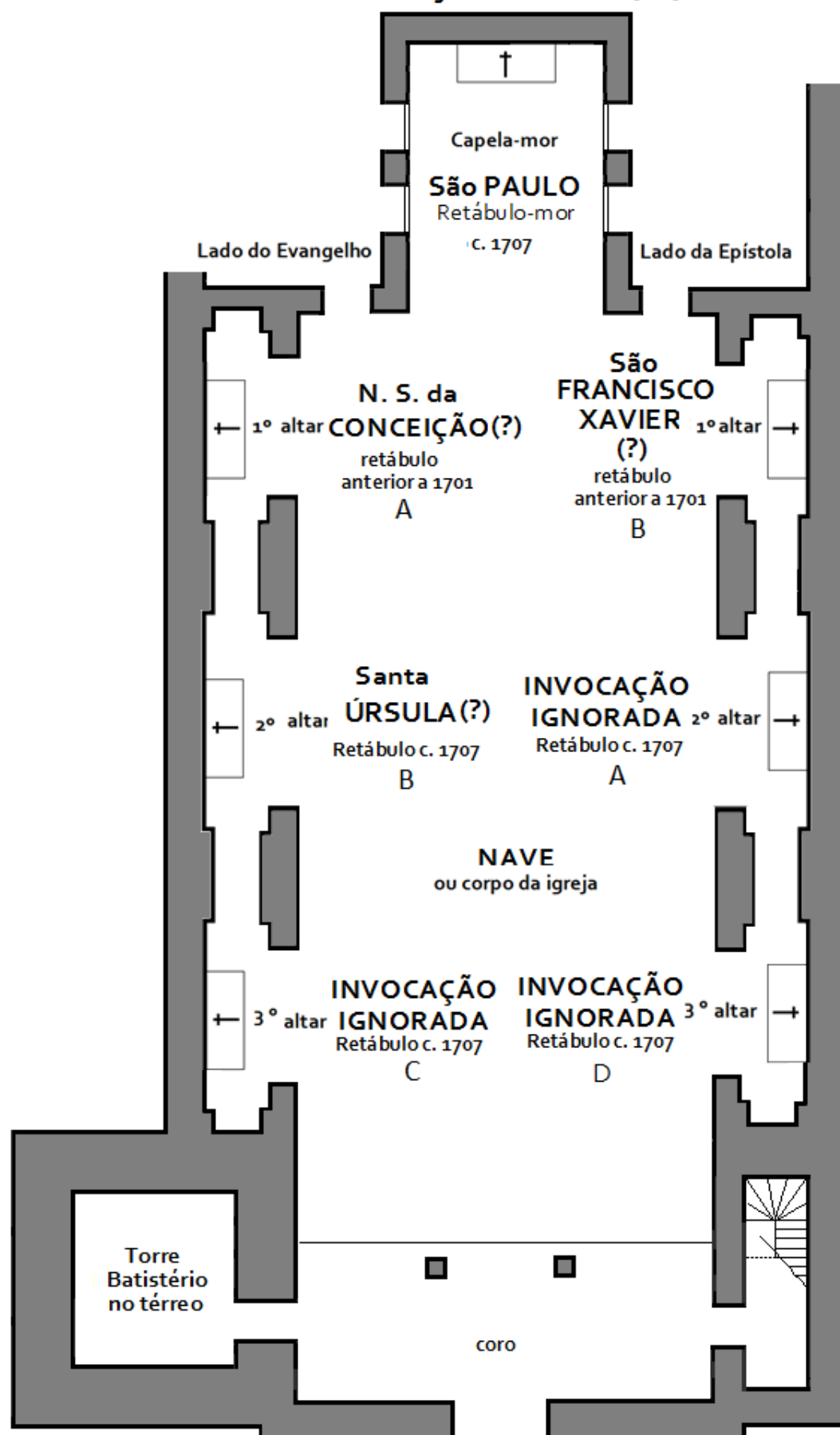
26- Vista da capela-mor, com o retábulo principal intacto. Datado do início do século XVIII (sem dúvida por volta de 1707), é evidente que sofreu algumas alterações durante a reforma de 1741-1745, com o objetivo de modernizá-lo. Foto de Pedro Hoenen, 1896.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.

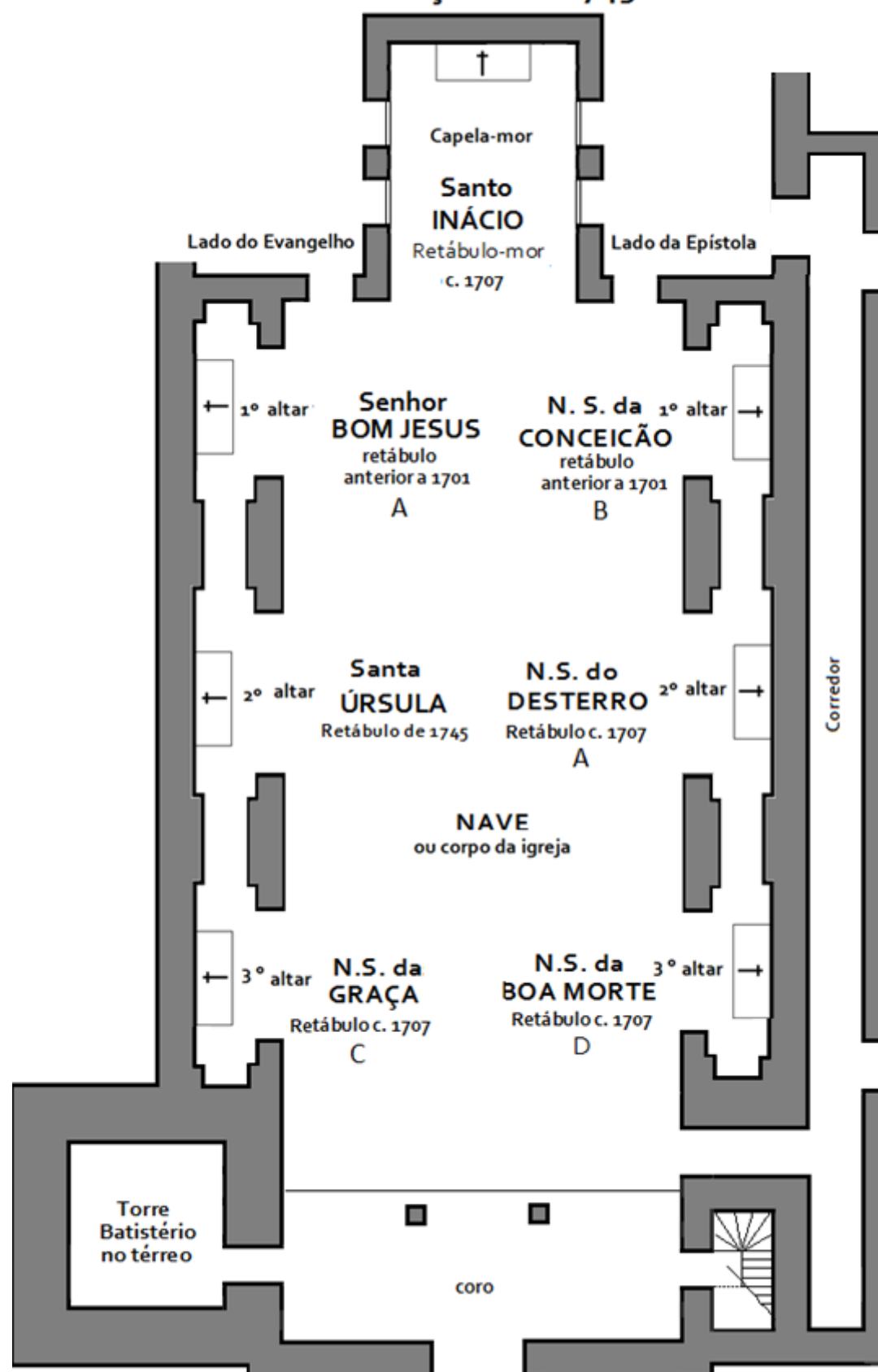


Figs. 27a a 27c- Disposição dos altares em vários momentos, conforme suposição nossa, baseada em documentos de época. Desenho do Autor, 2017.

SITUAÇÃO em c. 1707



SITUAÇÃO em 1745



grande solenidade no dia 21 de outubro desse último ano, dedicado às Santas Virgens e às Festas dos Estudantes. Havia então sete altares no interior da igreja: na capela-mor, o retábulo principal de Estilo Nacional Português, recém-reformado, com inclusões de estilo mais recente, dedicado a Santo Inácio (1491-1556); nas capelas laterais, os retábulos menores – dois dos quais, os mais antigos, deviam também ter passado por um processo de renovação –, foram apresentados segundo a seguinte ordem de enumeração: Boa Morte [3º da Epístola?], Nossa Senhora da Graça [3º do Evangelho?], Nossa Senhora do Desterro [2º da Epístola?], Santa Úrsula e as Santas Virgens [2º do Evangelho?], Nossa Senhora da Conceição [1º da Epístola?] e Bom Jesus (*Ecce Homo*), [1º do Evangelho?] (LEITE, 1945, p.386 a 388).

A localização dos retábulos acima apresentada entre colchetes, tal como a localização dos altares de 1654, são hipóteses nossas, mas seguem a habitual ordem hierárquica dos altares dentro das igrejas católicas, segundo a qual as imagens mais sagradas ou mais veneradas ocupam as capelas mais próximas do altar-mor, sendo o mais importante altar secundário, o primeiro do lado do Evangelho, já que na igreja jesuítica de São Paulo não havia altares colaterais, junto ao arco-cruzeiro.

Como Santo Inácio de Loiola, canonizado simultaneamente com São Francisco Xavier em 1622, estava entronizado no altar-mor, é possível que o orago da igreja por essa época fosse o santo fundador da Companhia de Jesus, tal como acontecia com a igreja jesuítica do Morro do Castelo, no Rio de Janeiro.

Se cruzarmos as imagens dos retábulos, conforme fizemos anteriormente, com as localizações dos altares propostas acima, veremos que na segunda capela do Evangelho havia um retábulo de meados do século XVIII, que seria o retábulo novo, introduzido em 1745, reservado para José de Anchieta, cuja canonização era aguardada com ansiedade. Enquanto Anchieta não era declarado santo, esse retábulo continuou a ser ocupado por Santa Úrsula, tradicional invocação jesuítica e antiga ocupante da capela desde havia muito (**fig.27c**).

Certa feita, o Morgado de Mateus teve um sonho pressagioso com uma imagem de Santa Ana – mãe da Virgem Maria –, santa da qual era grande devoto. Ao acordar, percorreu as dependências do palácio do governo à sua procura, encontrando-a, de fato, dentro de uma caixa, num dos cubículos do palácio, tal como sonhara (MORAES, 1979, p.81). O capitão-general, diante do miraculoso evento, ordenou

a reentronização da imagem, o que foi feito com grandes festejos que se realizaram de 19 de agosto de 1770 até o dia 25 do mesmo mês.

As comemorações da entronização da imagem reencontrada foram descritas num texto manuscrito intitulado *Relação das festas publicas que na cidade de São Paulo fez o Illmo. e Exmo. Senhor D. Luis Antonio de Souza Bot.º Mourão Governador, e Capm. General dad^a. Capti^a. Com a occasião de collocar a Imagem da senhora de Santa Anna em a Capella Nova, que mandou fazer na Igreja do Collegio desta cidade, em que rezide: cuja celebridade se fez no Domingo 19 de Agosto de 1770 q he juntamte. dia de S. Joaquim e S. Luis Bispo [...]*, valioso códice pertencente ao antigo acervo do historiador Yan de Almeida Prado (1898-1987), hoje depositado no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo (Catálogo Eletrônico IEB/USP).

Supomos que a santa tenha sido entronizada naquela altura na primeira capela do Evangelho, afinal era o altar lateral de maior honra, onde se via na época da demolição da igreja um retábulo todo branco, datado da segunda metade do século XVIII (**fig.27d**). Com Santa Ana ocupando o lugar do Senhor Bom Jesus, foi esta última imagem decerto transferida para a tribuna do altar-mor, substituindo Santo Inácio como patrono da igreja, santo que certamente caiu em desprestígio após a expulsão dos jesuítas.

Inventário datado de 22 de setembro de 1817, transcrito no inventário de próprios nacionais datado de 18 de setembro de 1890 e publicado no *Correio Paulistano* de 17 de outubro de 1890, traz a relação das imagens pertencentes à igreja do Colégio.

Em 1817 (**fig.27e**), havia no altar-mor as seguintes imagens: Santo Inácio, São Francisco Xavier, Santa Ana e um crucifixo; no antigo altar da Boa Morte (3º da Epístola), Nossa Senhora das Dores; no altar de N. Sra. da Graça [3º do Evangelho], imagem dessa santa, com capa de seda branca, São Francisco Borja (1510-1572), canonizado em 1670, e crucifixo pequeno de marfim; no altar de Nossa Senhora do Desterro [2ª da Epístola], imagem dessa santa, acompanhada das imagens do Menino Jesus e de São José; no altar de Santa Úrsula [2º do Evangelho], imagem dessa santa, São Francisco Xavier e São José; no altar de Nossa Senhora da Conceição, imagem dessa santa, São José e São Joaquim [1º da Epístola]; no altar do Senhor

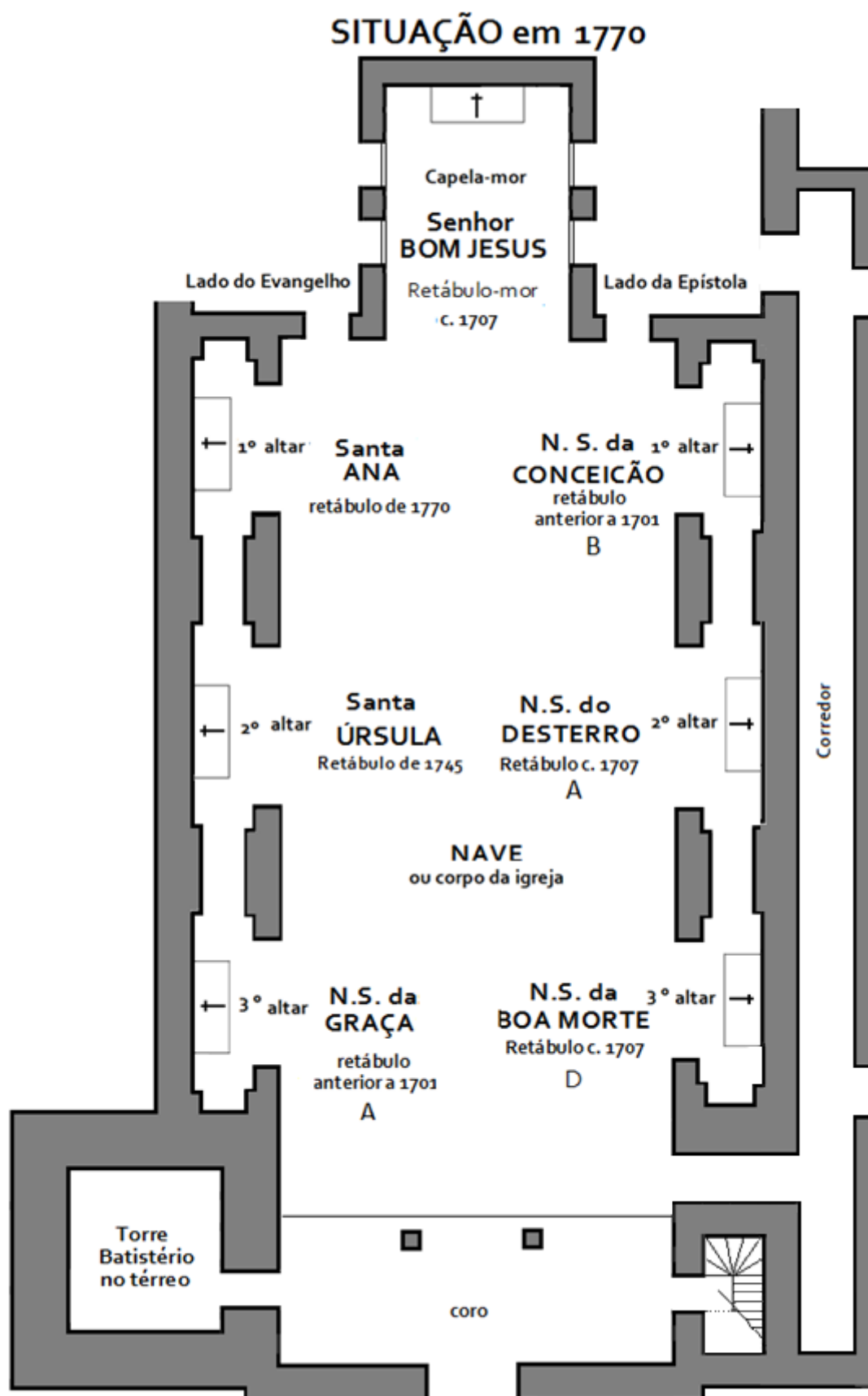


Fig.27d

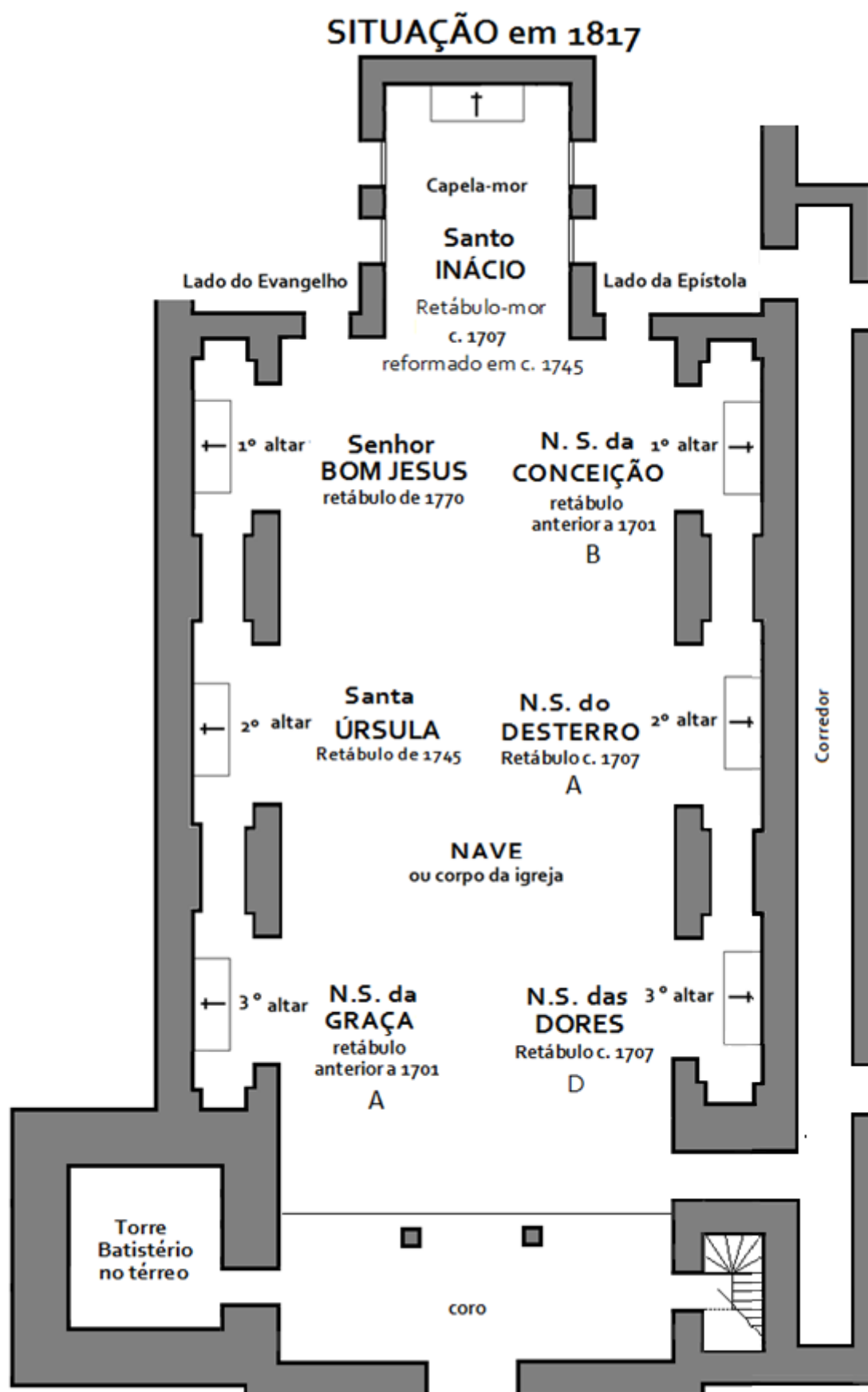


Fig.27e

Bom Jesus, imagem crística dessa apelação e crucifixo de madeira [1º do Evangelho] (INVENTARIO de imagens e alfaia pertencentes à Igreja do Colégio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17 de outubro de 1890, p.1).

Constatamos assim que a relação de 1817 segue a mesma ordem da relação de 1745. No início do século XIX, o altar-mor teria voltado a acolher a imagem de Santo Inácio, tal como em 1745, entre outras. A imagem de Santa Ana, entronizada no primeiro altar do Evangelho em 1770, havia sido depois transferida para o altar-mor, e o Bom Jesus (**fig.28**), que esteve entronizado na principal capela lateral, e depois levado para o altar-mor, retornou para o seu antigo altar. Desconfiamos, porém, que o inventário de 1817 tenha copiado quase literalmente um inventário anterior, talvez o de 1745, e que a Imagem do Bom Jesus jamais tenha voltado para o seu antigo altar lateral, coisa aliás que não teria sentido, já que o orago da igreja era agora o Senhor Bom Jesus. E para o altar de Santa Úrsula, fora transferida uma das imagens de São Francisco Xavier, talvez a que em 1654 estava supostamente localizada no primeiro altar da Epístola e em 1745 era exibida no altar-mor. A imagem da Boa Morte, pertencente a uma irmandade instituída pelos jesuítas, que estava instalada no terceiro altar desse lado em 1745, havia sido levada, provavelmente depois da expulsão dos inacianos, para a igreja do Carmo e mais tarde para templo próprio, construído pela irmandade da Boa Morte entre 1802 e 1810 (ARROYO, 1952, p.258 a 262), ficando em seu lugar, a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Inventário datado de 14 de janeiro de 1861, cujas informações foram recuperadas por Antônio Egídio Martins (1973, p.53), trazia o rol das imagens que se encontravam naquele tempo nos altares do corpo da antiga igreja inaciana, mas o fazia segundo outra ordem de apresentação (**fig.27f**).

Não é preciso esclarecer que é de nossa autoria a localização das imagens nos altares laterais: no altar-mor, Senhor Bom Jesus, Santo Inácio de Loyola, São Francisco Xavier, e Nossa Senhora de Monte Serrate; nos altares laterais, Nossa Senhora das Dores e Senhor Crucificado [3º do Evangelho]; Santa Úrsula, São Miguel e Nossa Senhora do Rosário [2º do Evangelho]; Santa Ana, São Joaquim e Nossa Senhora dos Anjos [1º do Evangelho]; São Jorge [3º da Epístola]; Jesus, Maria e José (ou a Sagrada Família ou Nossa Senhora do Desterro, que são apelações equivalentes,

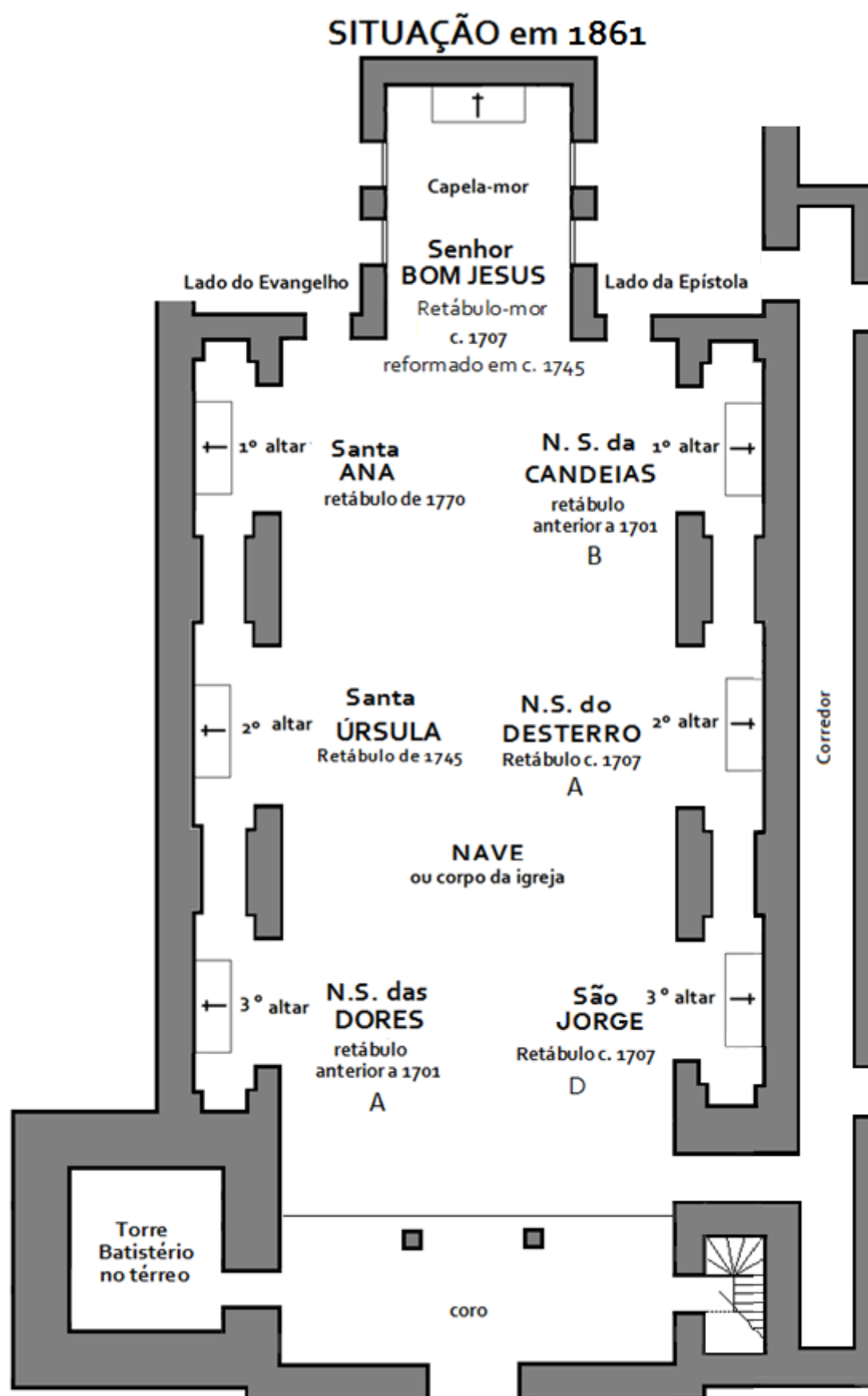


Fig.27f

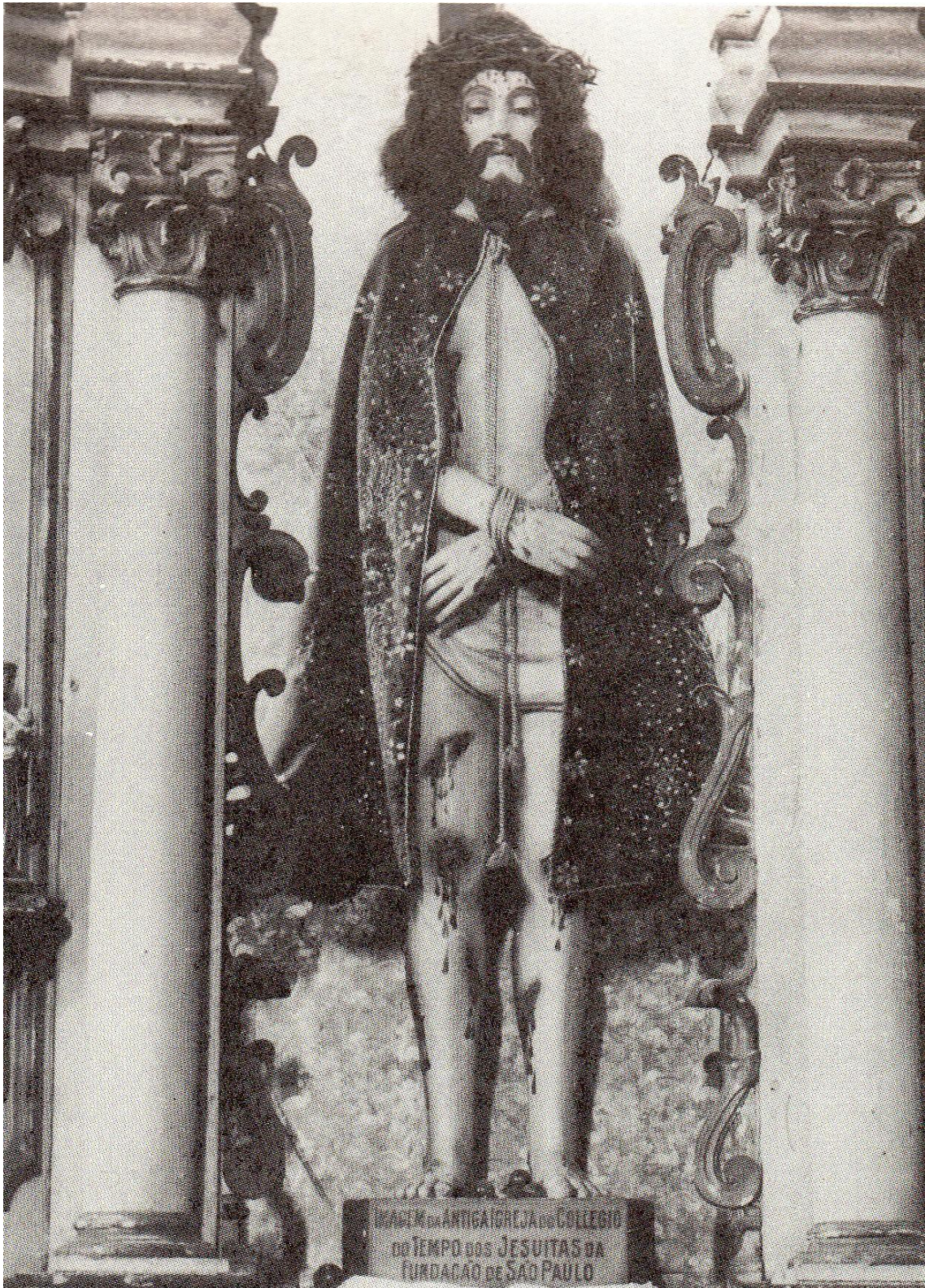


Fig.28- Imagem de madeira policromada do Bom Jesus ou *Ecce homo*, que durante muito tempo foi o orago da antiga igreja do Colégio de São Paulo. Após o desastre de 1896, transferida para a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, onde até hoje se encontra.

Fonte: MORAES, Geraldo Dutra de. *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1979.

Bárbara [2º da Epístola] e Nossa Senhora das Candeias (ou Nossa Senhora Candelária, ou Nossa Senhora da Luz, ou Nossa Senhora da Purificação, ou ainda Nossa Senhora da Apresentação, diferentes apelações relativas à Nossa Senhora festejada no dia 2 de fevereiro, quando, 40 dias após o parto, Nossa Senhora foi ao templo de Jerusalém para apresentar o pequeno Jesus e para que ela ritualmente se purificasse) [1º da Epístola].

Egídio Martins (1973, p.53) informa também que o governo provincial consentiu tempos depois que fosse entronizada Santa Rita de Cássia no segundo altar da igreja [sic]. Informação confirmada por Júlio Ribeiro (1845-1890), na biografia que, entre 1867 e 1868, escreveu do padre Belchior de Pontes. Santa Rita seria transferida mais tarde e, no tempo de Egídio Martins (c. 1910), estava entronizada em altar da igreja dos Remédios (1973, p.53). Martins, porém, não deixa claro qual seria “o segundo altar da igreja”, detalhe esclarecido por Toledo Pisa, em artigo de *O Estado de São Paulo*, referindo-se a texto sobre a igreja do Colégio publicado no mesmo jornal, no dia anterior:

Ao pé do 2º altar lateral à esquerda [i.e., 2º do Evangelho] ***que o articulista diz ser de S. Francisco Xavier e que Júlio Ribeiro disse ser de Santa Rita*** [altar de Santa Úrsula, com imagens de São Francisco Xavier e de São José, segundo inventário de 1817], *está uma pedra de um metro e dois centímetros de comprimento por quarenta e dois centímetros de largura, cobrindo a sepultura do padre Guilherme Pompeu de Almeida* [1653-1713], *homem que foi de grande ilustração e de fortuna colossal, liberal e generoso e contendo uma inscrição, que por ter saído com erros de revisão no Estado de hoje* [dia 23 de março de 1896], *aqui reproduzo textualmente:*

HOC JACET IN TUMULO GUILHERMUS PRRSBITER [sic] *AURO, ET GENERE, ET MAGNO NOMINE POMPEIUS* [sic]* (grifo do Autor)(PISA, Antônio Toledo. A EGREJA do Collegio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 24 de março de 1896, p.1).

*Versão corrigida: *HOC JACET IN TUMULO GUILHERMUS PRESBITER AURO ET GENERE ET MAGNO NOMINE POMPEUS*. Tradução aproximada: *Neste túmulo jaz o ilustre padre Guilherme, da renomada família dos Pompeu.* (tradução do Autor)

Por meio do inventário de 1861, vemos que Santa Ana havia voltado para o primeiro altar do Evangelho e Bom Jesus ido de novo para o altar-mor (pela observação que fizemos anteriormente, julgamos que essas trocas não tenham de fato ocorrido, sendo o resultado da cópia parcial executada em 1817 de um antigo

inventário), e que Nossa Senhora das Dores, que estava no terceiro altar da Epístola, foi transferida para o terceiro altar do Evangelho, deixando em seu lugar, desde 1853, a bela imagem de São Jorge (**fig.29**), antigo padroeiro do reino de Portugal que até 1872 desfilava pelas ruas de São Paulo sobre um cavalo nas procissões de *Corpus Christi*, e que hoje se encontra em exposição no Museu de Arte Sacra, no bairro da Luz (MARTINS, 1973, p. 27 e 28).

Toledo Pisa em um de seus artigos de jornal sobre a igreja do Colégio conta-nos que ao pé do terceiro altar à direita (3º da Epístola), ou seja, junto ao antigo altar de Nossa Senhora das Dores, desde 1853 ocupado por São Jorge, encontrava-se uma laje tumular que supunha ser ou de Afonso Sardinha, o velho (?-1616), ou de Afonso Sardinha, o moço, falecido antes de seu pai. A pedra tinha 90 centímetros por 48 e trazia o seguinte epitáfio:

NON IACET ALPHONSUS CONIUX VE [sic, por coniuxve] HIC: SURGIT IN ASTRIS QUI CADIT AD PLANTAS GRATA MARIA, TUAS (PISA, Antônio Toledo. A EGREJA do Collegio. O Estado de São Paulo. São Paulo, 24 de março de 1896, p.1)

E cuja tradução aproximada é a que segue:

Nem Afonso nem a esposa jazem aqui, porque sobem aos céus aqueles que caem aos teus pés, doce Maria. (tradução do Autor)

Aparentemente, essa lápide era proveniente da segunda igreja do Colégio, pois se pertencia à sepultura de Afonso Sardinha, o moço, este falecera antes de 1616, quando o terceiro templo ainda não existia. Há dúvidas, porém, quanto ao fato de ser esse Afonso o filho natural de Afonso Sardinha. Pois, enquanto o velho era amigo dos jesuítas, deixando-lhes por testamento toda a sua fortuna, por não ter descendentes legais diretos, seu filho bastardo, também alcunhado de “o mameluco”, parece ter sido hostil aos padres da Companhia. Sertanista, embrenhava-se nas matas não só atrás de metais preciosos, mas também de índios para escravizar, sendo a escravidão indígena execrada e energicamente combatida pelos inácianos.

Quanto à lápide da sepultura de Afonso Sardinha pai, foi ela encontrada, em 1881, num depósito de lixo de cozinha que veio à luz ao se proceder a demolição



Fig.29- Imagem de madeira policromada de São Jorge, que saía na procissão de *Corpus Christi* em São Paulo. Guardada no quartel, foi transferida em 1853 para a antiga igreja dos jesuítas, encontrando-se hoje incorporada ao acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo.

Fonte: MUSEU de arte sacra de São Paulo. São Paulo: Safra, 1983.

do convento jesuítico do século XVII (CASTRO, Clementino de. A EGREJA do Collegio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 26 de março de 1896, p.1). Em seu lugar, seria erguido o palácio presidencial de autoria de Eusébio Stevaux. De extrema rusticidade, a lousa, hoje depositada no Museu Paulista, traz a seguinte inscrição:

S.^A DAF^OCSA
RDINHA
EDSMM^AGLR (fig.30)

Inscrição essa que tem sido interpretada como: “Sepultura de Afonso Sardinha e de sua mulher Maria Gonçalves Rodrigues”. De acordo com o seu testamento, Afonso Sardinha, o velho, determinou ser enterrado “na igreja dos Padres de São Paulo, defronte do altar de Nossa Senhora”, que supomos ser naquela altura, 1616, o primeiro do Evangelho, e não o terceiro da Epístola, como supôs Toledo Pisa, baseado em informações seguramente errôneas dadas pela câmara eclesiástica. As invocações citadas por Toledo correspondiam àquelas que as capelas laterais apresentavam no século XIX, na terceira igreja jesuítica portanto, e Sardinha havia sido enterrado, no início do século XVII, na segunda igreja jesuítica, num tempo em que as invocações dos altares nos são desconhecidas. O que nos levou a optar, nesse caso, pela ordem suposta de 1654, época mais próxima dos fatos ocorridos (fig.27 a) (PISA, Antônio Toledo. A igreja do Collegio, VIII. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 2 de junho de 1896, p.1).

Mais uma pedra tumular seria encontrada durante as pesquisas efetuadas no templo desmoronado, segundo anunciado por Toledo Pisa. Desta feita, localizada ao pé do terceiro altar do Evangelho, dedicado primitivamente a N. S. da Graça. A lápide referia-se a certa Catarina, que na época da descoberta foi identificada como sendo Catarina Rodrigues, senhora de grandes haveres, terras e escravarias. Nela se lia os seguintes dizeres:

Hic Catharina pedes
Christi amplexura quiesces
Mortua és [sic], an vivis?
Vera ubi vita tibi est? (PISA, Antônio Toledo. A EGREJA do Collegio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 26 de março de 1896, p.1)



Fig.30- Pedra sepulcral de Afonso Sardinha e esposa, encontrada em 1881 numa cova de lixo do antigo convento dos jesuítas. Acervo do Museu Paulista da USP.

Fonte: TAUNAY, Affonso de E. *Velho São Paulo*. São Paulo, Melhoramentos, 1953. 3v. V.1.

Palavras assim traduzidas aproximadamente:

*Aqui, Catarina aos pés de Cristo
repousa abraçada.*

Estás viva ou morta?

Onde está tua verdadeira vida? (tradução do Autor)

Em inventário datado de 18 de abril de 1827, transcrito em avaliação da igreja do Colégio e Edifício anexo datada de 18 de setembro de 1890, diz-se:

A igreja do Colégio, toda de paredes de pedra [sic], coberta de telhas, com ladrilho de tijolos no corpo da igreja, e a capela-mor forrada e assoalhada, com um altar-mor de talha antiga e seis colaterais metidos em capelas, com grades de madeira, e destes altares, quatro são de talha antiga, dourados, e dois de obra mais moderna, sem dourados [...](grifo do Autor)(EGREJA do Collegio e edificio annexo. *Correio Paulistano*. São Paulo, 17 de outubro de 1890, p.1)

Desse trecho, deduzimos que as quatro talhas mencionadas, antigas e douradas, eram os retábulos das capelas laterais de Nossa Senhora das Dores, antes de Nossa Senhora das Graças (estilo de transição do Maneirismo para o Estilo Nacional Português), de São Jorge, antes de Nossa Senhora das Dores (Estilo Nacional Português), de Nossa Senhora do Desterro (Estilo Nacional Português) e de Nossa Senhora das Candeias, antes de Nossa Senhora da Conceição (estilo de transição do Maneirismo para o Estilo Nacional Português).

Os retábulos mais recentes, completamente brancos, eram os de Santa Úrsula e de Santa Ana, antes do Bom Jesus. O primeiro provavelmente era dessa cor por nunca ter recebido douração. Inacabado, havia sido apenas revestido com camadas de gesso grosso e gesso mate, que serviriam de base para a posterior aplicação, em sequência, do bolo armênio e das folhas de ouro. O outro por ser mais recente é possível que tenha sido apenas pintado de branco. Notar que o inventário de 1827 omitiu, provavelmente por lapso, o altar-mor, que também era de talha dourada, de estilo semelhante aos retábulos laterais de Nossa Senhora do Desterro e de São Jorge, ou seja, era também de Estilo Nacional Português, embora se perceba pelas fotos de 1896 que sofrera intervenção posterior.

(fim da 1ª parte)